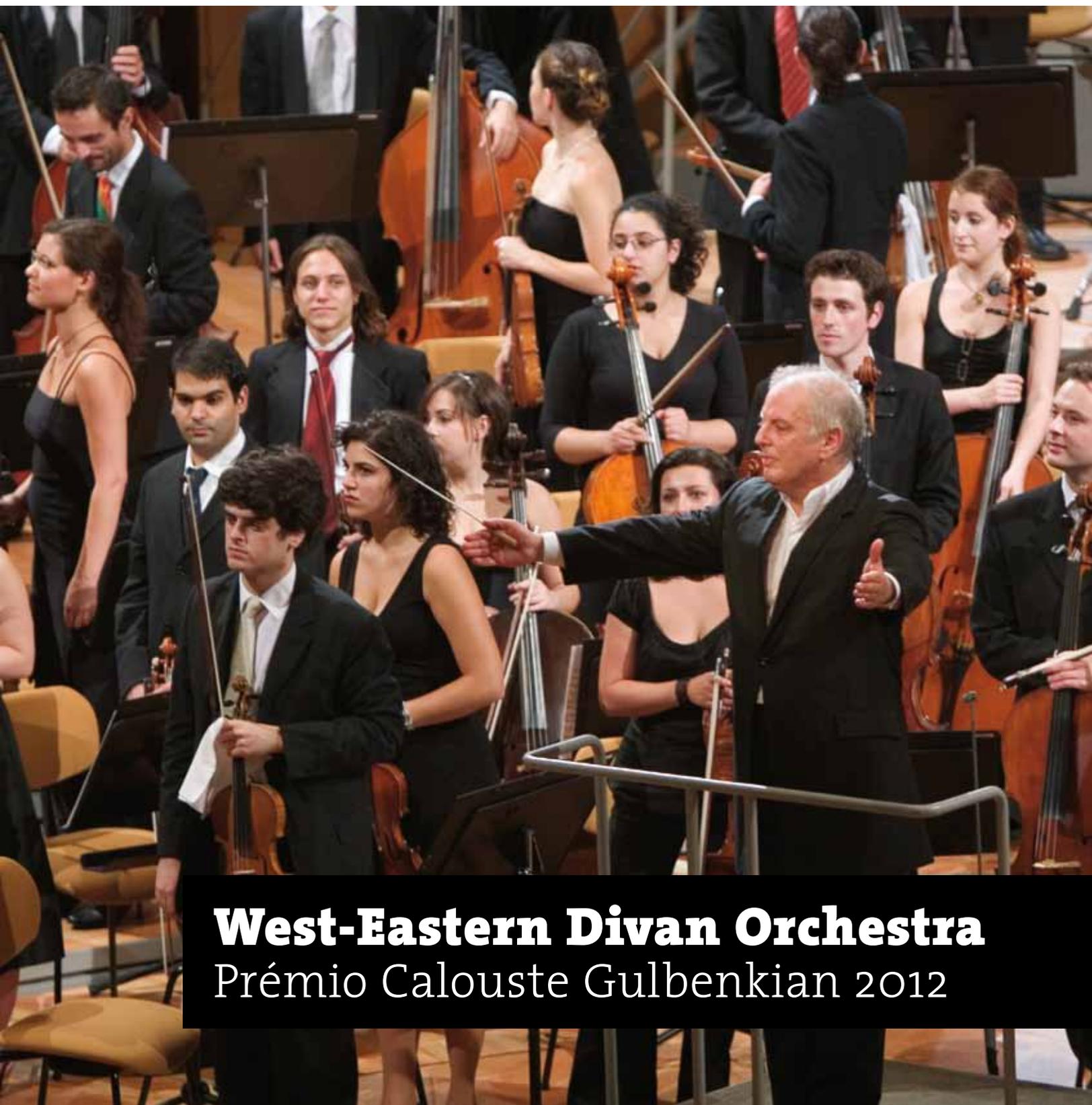




FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
NEWSLETTER

NÚMERO 136
SETEMBRO 2012

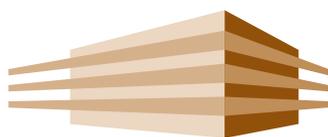


West-Eastern Divan Orchestra
Prémio Calouste Gulbenkian 2012

4

Os dentistas do bem

Um projeto social iniciado no Brasil há 10 anos já fez caminho em Portugal. Os dentistas do bem oferecem atendimento e tratamentos dentários a crianças carenciadas e, em menos de dois anos, deram resposta aos problemas odontológicos de mais de 600 crianças, com a ajuda de uma rede de cerca de 300 dentistas voluntários, de norte a sul do país. O projeto tem o apoio da Fundação Gulbenkian.



PRÉMIO CALOUSTE GULBENKIAN PRIZE

7

A música vence barreiras

A Orquestra da Paz, como é muitas vezes chamada, foi a vencedora do Prémio Calouste Gulbenkian 2012. A West-Eastern Divan é uma orquestra única que junta jovens músicos israelitas, palestinianos e de outros países árabes na convicção de que a música ultrapassa muitos obstáculos. Como afirmou o presidente do júri, Jorge Sampaio, esta orquestra “celebra o poder de comunicação universal da música e a sua capacidade de transcender divisões e conflitos”.



9

Instituto Gulbenkian de Ciência: uma nova fase

O IGC terá a partir de outubro um novo diretor e mais autonomia relativamente à Fundação Gulbenkian. O britânico Jonathan Howard fala em entrevista da sua satisfação por vir dirigir o IGC, uma instituição onde “as pessoas são felizes” e onde os próximos cinco anos serão fundamentais para “encontrar parceiros que contribuam para alargar a escala e o orçamento do IGC, mantendo intacto o seu perfil único enquanto centro de investigação e ensino”.

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 136. SETEMBRO. 2012 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais

COLABORAM NESTE NÚMERO Ana Mena | Ana Godinho | Patrícia Fernandes | DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro

[DDLX] | REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga | FOTO DA CAPA © Luis Castilla | IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas | TIRAGEM

10 000 exemplares | Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt

O cérebro, o pensamento e as descobertas da neurociência

Susan Greenfield, Robert Zatorre, Idan Segev, Melissa Hines, são alguns dos conferencistas convidados para o Brain.org, que decorrerá nos dias 9 e 10 de outubro na Fundação Gulbenkian. Neste Fórum Gulbenkian de Saúde ficaremos a saber o que nos leva a dormir, as diferenças entre o cérebro masculino e feminino, ou se podemos copiar o cérebro humano no computador, entre muitas outras descobertas.



28

Orquestra Gulbenkian: 50 anos de Música

No dia 15 de setembro, sábado, assinala-se o início da Gulbenkian Música 12/13, que será marcada pelo cinquentenário da Orquestra Gulbenkian. A comemoração começa com uma festa de entrada livre com concertos, conversas com músicos, filmes e uma exposição.

30

Novas exposições no CAM

Imagens ou Sombras é o título da primeira exposição de Gerard Byrne em Portugal que o CAM apresenta a partir de 21 de setembro. Três grandes instalações e um vídeo exploram os códigos da linguagem televisiva, como é habitual no trabalho de Byrne. No mesmo dia, o CAM abre ao público *O Lugar das Coisas*, uma exposição antológica de Carlos Nogueira, que apresenta uma seleção abrangente da sua produção artística desde o início da sua atividade até aos dias de hoje.



Gerard Byrne, *Gestalt Forms of Loch Ness*

índice

primeiro plano

4 **Os dentistas do bem**

notícias

7 **Prémio Calouste Gulbenkian**

9 **IGC – Uma nova fase**

12 **Os professores vão às aulas no IGC**

13 **Cientistas desvendam motilidade do espermatozoide**

13 **Desflorestação pré-histórica**

14 **A importância de brincar**

16 **Tese portuguesa premiada em França**

17 **O cérebro, o pensamento e as descobertas da neurociência**

18 **As Idades do Mar**

18 **Três Pontos de Contacto**

19 **Concurso para a diáspora portuguesa**

19 **Cultura portuguesa na China**

20 **Balço e Contas da Fundação Gulbenkian**

21 **breves**

bolseiros gulbenkian

24 **Mauro Cerqueira**

um outro olhar

26 **Paulo Pires do Vale**

em setembro

28 **Orquestra Gulbenkian 50 anos de Música**

30 **Primeira exposição de Gerard Byrne em Portugal**

31 **Carlos Nogueira, O lugar das coisas**

32 **Grandes lições da América do Sul e da Primavera Tunisina**

33 **novas edições**

uma obra

34 **Par de bibliotecas**



Os dentistas do bem

O projeto Dentista do Bem quer recuperar os sorrisos das crianças mais carenciadas. Nascido no Brasil em 2002, este projeto é hoje a maior rede de voluntariado especializado do mundo, com 11 mil dentistas responsáveis pelo tratamento de 23 mil crianças. Em 2011, a Fundação Gulbenkian associou-se à causa e começou a apoiar a sua expansão em Portugal. Fomos saber mais sobre este projeto que já devolveu o sorriso a 600 crianças portuguesas.



Inês Isidro

“**A**bre a boca, Inês”, pede a mãe, orgulhosa. Inês Isidro, de 11 anos, exibe o sorriso imaculado, meia dúzia de meses depois de ter iniciado os tratamentos com o médico dentista Pedro Ferreira Lopes, ao abrigo do projeto Turma do Bem – Dentista do Bem, apoiado pela Fundação através do Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano. Em 2011, Inês foi uma das selecionadas de entre cerca de duas mil crianças entre os 11 e os 17 anos, de toda a Grande Lisboa, que participaram num rastreio odontológico no Museu da Eletricidade. Desde essa altura, as cáries, as dores persistentes, os analgésicos – e até o pânico da cadeira do dentista – deixaram de fazer parte do dia a dia da Inês. A somar à quantidade de problemas que tinha nos dentes, alguns tão estragados que não puderam ter outro fim que não a extração, as dificuldades económicas impediam a mãe de a levar ao dentista. “Quando recebi a carta em casa, a dizer que a Inês tinha sido selecionada para o projeto, não quis acreditar. Não tinha esperança nenhuma, foi um milagre”, conta a mãe. “Desde os três anos da Inês que vivemos só as duas e eu sozinha nunca poderia pagar estes tratamentos.”

DE SÃO PAULO PARA O MUNDO

Foi a pensar em casos idênticos a este que Fábio Bibancos fundou, em 2002, a Turma do Bem. O dentista brasileiro conta que só durante a divulgação do seu livro *Um sorriso para o seu filho* foi confrontado com a realidade das famílias carenciadas. “O livro ensinava os pais a resolver os problemas de saúde oral das crianças em casa, mas com um olhar absolutamente elitista, dirigido à classe média. Tem a ver com a minha formação”, explica. Numa primeira fase, o livro foi divulgado em escolas privadas, em que os pais tinham dinheiro para comprar os produtos recomendados. No entanto, verificou que nas escolas públicas a história era muito diferente: “Eu era um jovem profissional, com muito pouca visão de saúde pública e sem sensibilidade real para o problema. As mães vinham falar comigo





Pedro Ferreira Lopes

no fim das apresentações, mostravam-me a boca dos filhos toda estourada e diziam: ‘Eu percebi tudo o que deve ser feito, mas não tenho dinheiro. O que faço?’ Foi quando me apercebi de que o centro de saúde não atendia, as listas de espera na universidade eram gigantescas e, na aflição de ajudar aquelas crianças, comecei a levá-las ao meu consultório.” Os amigos juntaram-se à causa e, em pouco tempo, estava oficialmente criada a organização Turma do Bem e o projeto Dentista do Bem.

Presente em dez países da América Latina e, desde 2010, também em Portugal, o que começou por ser um ato isolado de generosidade num consultório de São Paulo transformou-se num dos projetos de inovação social mais reconhecidos a nível internacional, contando hoje com uma rede de 11 mil dentistas voluntários e 23 mil crianças e jovens tratados ou em acompanhamento.

O fenómeno explica-se facilmente: “A nossa metodologia é muito simples e altamente replicável. Tudo sai do escritório de São Paulo. Eu entendo Bogotá como Campinas, uma cidade muito próxima de São Paulo. O processo é sempre o mesmo: o dentista faz a triagem, nós selecionamos as crianças, estabelecemos o contacto entre eles, acompanhamos a evolução da criança e o dentista manda-nos relatórios. Isto pode ser feito no mundo inteiro.”

Pedro Ferreira Lopes é um dos coordenadores em Portugal. Sempre esteve envolvido em projetos de responsabilidade social e não hesitou quando o convidaram para ser um Dentista do Bem. Além de abrir as portas do seu consultório aos que mais precisam de tratamento, também participa



Virginia Milagre

nos rastreios, que chegam a avaliar entre mil a dois mil jovens (entre os 11 e os 17 anos) num só dia. Os critérios de seleção para integrar o projeto são as condições socioeconómicas da família, a proximidade do primeiro emprego (têm prioridade os que estão mais perto da entrada no mercado de trabalho) e a quantidade de problemas de saúde identificados ou a urgência dos mesmos.

Em jeito de justificação para a sua imediata adesão à causa, Pedro Ferreira Lopes questiona: “O que sentirá um pai ou uma mãe ao ver um filho a chorar com dores de dentes sem poder fazer nada?” E conta: “O caso que mais me impressionou até hoje foi o de uma menina de 12 anos, com os dentes todos cariados, que vivia com cinco irmãos, os avós e a tia. Pais nem sequer existiam na equação, os avós eram reformados e a tia estava desempregada há três meses. Claro que, em casos como este, os dentes deixam de ser prioridade. Não têm dinheiro para comer, como é que podem ter dinheiro para arranjar os dentes?”

“QUANDO CRESCER, QUERO SER MODELO”

Qualquer criança encaminhada pela Turma do Bem recebe tratamento e acompanhamento gratuito até aos 17 anos, com todos os custos a serem assegurados pelo próprio dentista voluntário. Virginia Milagre, também coordenadora do projeto em Portugal, conta que já abriu exceções e que a relação de proximidade criada com os pacientes que tem ao abrigo do projeto a podem levar a continuar o acompanhamento após os 17 anos. “O caso mais interessante foi



o de um rapaz que no início vinha para as consultas contrariado e com maus modos. Com o tempo, a postura dele acabou por se modificar muito e tornou-se um dos meus pacientes mais exemplares. Continuei a dar-lhe consultas depois de ele fazer 17 anos, à espera de que ele tivesse os próprios meios de subsistência, e da última vez que cá estive disse-me que assinou contrato com um clube de futebol da primeira divisão.”

Os problemas de saúde oral podem ser causa de insucesso escolar, dificuldades de sociabilização ou de acesso ao mercado de trabalho, pelo que esta iniciativa vai muito além do tratamento feito no consultório. Foi com essa convicção que a Fundação Gulbenkian, a convite da Fundação EDP, decidiu abraçar a causa. Fábio Bibancos defende, no entanto, que não se deve ter uma visão paternalista sobre esta questão. “As pessoas têm tendência a dizer: agora que já tem os dentes arranjados já pode estudar e trabalhar. A pessoa pode até não querer nada disso para a vida dela, mas pelo menos tem essa opção, pode sonhar.”

Alicia, de 12 anos, também selecionada no rastreio do Museu da Eletricidade, é o caso mais emblemático do sucesso da Turma do Bem. Bibancos conta que “a timidez com que se apresentou no dia do rastreio, que não deixou que ninguém lhe arrancasse uma palavra, não passou despercebida e levou-a a ser escolhida para ser a protagonista do primeiro documentário promocional do projeto. Tinha os dentes em muito mau estado e tinha muitas dores. Depois

de ser alvo de uma intervenção profunda, a menina, que antes se considerava ‘a mais feia da escola’, viu a sua autoestima renovada.” Já não tem medo de sorrir nem de falar e vai mais longe: “Quando crescer, quero ser modelo”, diz. É desta possibilidade de sonhar que fala Fábio Bibancos.

PARA ONDE CAMINHA A TURMA DO BEM

Em Portugal, em menos de dois anos foi possível dar resposta aos problemas odontológicos de cerca de 600 crianças, com a ajuda de uma rede de cerca de 300 dentistas voluntários, de norte a sul do país. Só na área da grande Lisboa, já houve uma adesão de perto de 160 dentistas, que têm 240 pacientes ativos. Pedro Ferreira Lopes considera, no entanto, que 300 dentistas é um número baixo, “tendo em conta que há oito mil dentistas em Portugal”. Porém, Fábio Bibancos faz um balanço muito positivo do que já foi alcançado. “Em termos proporcionais, a resposta dos dentistas portugueses foi maior que a dos brasileiros. Além disso, a primeira meta era atender 100 crianças em três anos, mas chegámos a esse número em três meses”.

No seu consultório no Campo Pequeno, Virgínia Milagre tem exposto o Prémio de Melhor Coordenadora Internacional da Turma do Bem, por ter sido quem mais pessoas conseguiu angariar para a organização, fazendo prova do sucesso do projeto em Portugal.

Apesar de se sentirem satisfeitos com o que tem sido conseguido, Virgínia Milagre e Pedro Ferreira Lopes consideram que, mais do que no tratamento, o enfoque deve estar na educação para as questões da saúde oral. “Mesmo uma família com muito baixos rendimentos pode ter um euro para despende numa escova de três em três meses, por isso não há desculpa para a falta de higiene oral”, defende Ferreira Lopes.

E como sobrevive a organização? É política da Turma do Bem não aceitar financiamento público para o projeto. “Só trabalhamos com empresas e fundações. Não podemos trabalhar problemas públicos com dinheiros públicos, não temos a pretensão de nos fazermos substituir ao Governo nem queremos. A Turma do Bem não vai resolver o problema da odontologia, mas vai colocar a questão na agenda política e vai trazer inspiração a outras organizações da sociedade civil para que também se mobilizem”, explica Fábio Bibancos.

Tem sido com esta clareza de espírito e determinação que Bibancos tem conseguido levar para a frente um projeto que ganhou uma dimensão global e que não pretende ficar por aqui. “Embora a nossa prioridade agora seja Portugal, estamos já a estabelecer contacto com os países africanos de língua oficial portuguesa, com Espanha e com Timor”, anuncia. A ambição é continuar a alargar a rede de dentistas voluntários no mundo, para que seja possível devolver o sorriso ao maior número possível de crianças. ■



© Monika Rittershaus

notícias

A música vence barreiras

Prémio Calouste Gulbenkian para a West-Eastern Divan Orchestra

A orquestra criada em 1999 por Edward Said e Daniel Barenboim, que junta músicos israelitas, palestinianos e de outros países árabes, foi a vencedora do Prémio Calouste Gulbenkian, no valor de 250 mil euros.

“Um concerto histórico” foi a frase mais ouvida quando a Orquestra formada por músicos israelitas e palestinianos tocou em Ramallah, na Cisjordânia, terra de conflito declarado entre os dois povos. Em 2005, Daniel Barenboim dirigiu a Orquestra que simboliza a única via possível para israelitas e palestinianos se começarem a conhecer melhor num país marcado pelo ódio e pela disputa das mesmas terras. Os criadores deste projeto, que já percorreu os mais consagrados palcos do mundo (incluindo o Grande Auditório

da Fundação em agosto de 2007), acreditam que os destinos dos dois territórios não poderão nunca ser separados e que o conflito não terá uma solução pela via militar. Said (já falecido) e Barenboim fizeram da música uma ponte e usaram-na como forma de encorajar os dois lados a ouvir-se e a aproximar-se, conhecendo-se. O maestro e pianista Daniel Barenboim (na foto, a dirigir a Orquestra) refere no seu livro *Está tudo ligado – o poder da música*: “O nosso projeto pode não mudar o mundo, mas é um passo nessa direção. É um



Edward Said (1935-2003), professor e pensador palestino, co-fundador da Orquestra

diálogo contínuo, em que a linguagem universal, física e metafísica da música se articula com o diálogo permanente que mantemos com os jovens e os jovens mantêm entre si.”

Em 2007, no encerramento do programa Estado do Mundo que marcou o cinquentenário da Fundação, os músicos da West-Eastern Divan Orchestra mostraram no palco do Grande Auditório como se podem enfrentar as diferenças através da música, pondo em prática aquilo que defende o seu maestro. Barenboim diz que a música “não pode resolver problemas, mas pode ensinar-nos a pensar de um modo que é uma escola para a vida”. Olhando para os jovens israelitas e palestinos que tocam lado a lado, adivinhamos as famílias divididas, as décadas de luto e de afastamento que carregam nas suas histórias, mas, como diz Barenboim, a música ensina-os de outra forma porque através dela se aceita a “hierarquia de um tema principal, a presença permanente de um oposto e por vezes mesmo a presença de ritmos de acompanhamento subversivos”.

Os músicos explicam esta diferente forma de vida nas muitas reportagens que já foram feitas sobre a Orquestra, um pouco por todo o mundo, afirmando os seus pontos de vista sobre o conflito israelo-palestino, defendendo a via do diálogo e da aproximação entre os dois lados. Na Orquestra são encorajados a discutir, a argumentar e a compreender as várias perspetivas, num clima de respeito mútuo que ultrapassa em muito a cristalizada visão política dos governos envolvidos no conflito. Diz Barenboim: “Gostaria de pensar neles como pioneiros de uma nova forma de pensar no Médio Oriente.”



PRÉMIO CALOUSTE GULBENKIAN PRIZE

O Prémio Calouste Gulbenkian é atribuído a uma instituição ou a uma pessoa, portuguesa ou estrangeira, que se tenha distinguido pelo seu papel na defesa dos valores essenciais da condição humana e surge em substituição dos cinco prémios Gulbenkian atribuídos entre 2007 e 2011, nas áreas de Direitos Humanos e Ambiente, de Arte, de Ciência, de Beneficência e de Educação. Criados para assinalar o cinquentenário da Fundação, em 2006, os Prémios Gulbenkian distinguiram mais de três dezenas de pessoas e instituições ao longo de cinco anos.

O júri presidido por Jorge Sampaio, e constituído por Pedro Pires (antigo Presidente de Cabo Verde), pela princesa Rym Ali da Jordânia (fundadora do Jordan Media Institute), por Vartan Gregorian (Carnegie Corporation, EUA), por Paul Brest (Hewlett Foundation, EUA), por António Sampaio da Nóvoa (reitor da Universidade de Lisboa) e Miguel Poiars Maduro (Instituto Universitário de Florença e Prémio Gulbenkian Ciência em 2010), reconheceu o inestimável contributo da Orquestra para o diálogo e a aproximação no Médio Oriente, mas também para a educação e o desenvolvimento dos dois povos.

O presidente do júri afirmou:

“A escolha da West-Eastern Divan Orchestra é oportuna e exemplar a vários títulos: celebra o poder de comunicação universal da música e a sua capacidade de transcender divisões e conflitos; aposta nos jovens e na sua aptidão em encontrar soluções novas para problemas velhos; é uma chamada de atenção para um conflito que grassa há décadas e se repercute numa região inteira. Mas é também a celebração do valor do diálogo intercultural e do seu contributo para a harmonia e a paz”

A Orquestra passou este ano pelo Royal Albert Hall, em Londres, por Berlim e também pelo Festival de Salzburgo. ■ www.west-eastern-divan.org

Instituto Gulbenkian de Ciência: uma nova fase

“O IGC tem de ser competitivo na captação de apoios internacionais”



Jonathan Howard, Professor no Instituto de Genética da Universidade de Colónia, será o novo rosto do Instituto Gulbenkian de Ciência a partir de 1 de outubro e o responsável pela sua entrada numa nova fase, a caminho da autonomia. O IGC irá manter a sua estrutura original, dedicando grande parte dos recursos a apoiar jovens cientistas no início das suas carreiras, mas também procurará recrutar cientistas seniores que assegurem a continuidade e a reputação científica do Instituto. A nova missão pretende conduzir a investigação e a educação doutoral em Biomedicina a resultados que posicionem o Instituto no grupo das mais prestigiadas instituições da Europa, permitindo ainda fomentar a qualidade de outras instituições portuguesas e fortalecer a reputação internacional da Fundação Gulbenkian no mundo da ciência.

A Fundação Gulbenkian vai reforçar o investimento financeiro no Instituto nos próximos cinco anos, alargando, no entanto, a sua autonomia e a sua gestão, que passa a ser assegurada por um Conselho de Gestão próprio, que integra Sydney Brenner, os administradores da Fundação Diogo Lucena e Marçal Grilo, António Coutinho e José Neves Adelino. O Instituto terá também um novo Conselho Científico, presidido por Kai Simons, diretor fundador do Max Planck Institute de Dresden.

Em entrevista, Jonathan Howard fala dos desafios futuros e da nova fase do IGC.

PENSA QUE O NOVO SISTEMA DE GOVERNAÇÃO ANUNCIADO PARA O IGC É UM PASSO PARA A SUA AUTONOMIA?

É TAMBÉM UM DESAFIO PARA SI?

O novo sistema de governação ainda não foi implementado e por isso ainda não se podem identificar os seus pontos fortes e fracos. No entanto, a pergunta permite-me dizer o que acho que pode ajudar ou interferir no progresso do IGC. O principal passo para a autonomia foi a criação do Conselho de Gestão que irá supervisionar diretamente o IGC e que integra representantes da Fundação, investigadores e gestores financeiros. Este é um avanço muito importante, porque coloca a gestão muito mais próxima dos interesses do Instituto. Todas as mudanças têm os seus riscos e o IGC terá que ser muito responsável na boa gestão do seu orçamento. No entanto, o detalhado plano orçamental para o próximo quinquénio, bem como o apoio anual acordado até 2018, permitirão uma maior flexibilidade durante esta complexa fase de transição em que o apoio já garantido pela Fundação é fundamental. Seria uma grande desilusão se, no final, não atingíssemos uma total autonomia financeira.

O IGC, enquanto instituição científica, tem de ser competitivo na captação de apoios internacionais. Nos próximos cinco anos, a Fundação ajudar-nos-á generosamente para que possamos recrutar cientistas numa fase das suas carreiras em que possam competir na captação de apoios



externos mais significativos, entre os quais os European Research Council Advanced Grants.

Além do que a Fundação fez para garantir o apoio a esta iniciativa, temos no IGC investigadores e recursos científicos de primeira qualidade, que serão bons motivos para atrair cientistas seniores. A maior dificuldade neste recrutamento será a questão da carreira científica. Os cientistas seniores do nível que pretendemos têm todo o direito em exigir perspectivas de futuro, coisa que o IGC sozinho não pode fazer. Este é o principal problema a nível europeu que requer soluções inovadoras. O IGC pode ser pioneiro nesta área, levando a cabo um programa de contratos de cinco anos para investigadores a tempo inteiro, que permitam a progressão até ao mais alto nível académico. De outra maneira, na ausência de qualquer estrutura de carreira e remuneração, quer por parte da Fundação para a Ciência e Tecnologia (que creio estar a considerar tal possibilidade), quer por parte de outra instituição, seria difícil para o IGC recrutar cientistas seniores promissores.

Por fim, a Fundação incentiva o IGC a conseguir um parceiro ou parceiros que contribuam para a sua manutenção e desenvolvimento. Este sim, vai ser um grande desafio para mim, se bem que também seja uma das prioridades do Conselho de Gestão. As questões são claras: o IGC é inteiramente um instituto de investigação básica com um perfil muito definido, baseado em investigadores jovens e independentes que desenham os seus próprios programas de investigação. Decerto que não podemos pensar em redirecionar os seus

esforços para um trabalho mais translacional aplicado, tentando responder a prioridades externas, porque este foi o perfil que o tornou tão prestigiado no mundo académico. Este grande desafio terá porventura de ser resolvido com pequenas soluções, satisfazendo interesses externos por pequenas questões que a investigação do IGC possa clarificar. Acredito que muitas pequenas soluções podem levar a uma solução maior. O IGC tem também uma excelente experiência em programas de ensino académico de alto nível e aqui também há boas oportunidades de constituição de parcerias. Em suma, todos os caminhos serão explorados, mas não tenho dúvidas de que encontrar parceiros que contribuam para alargar a escala e o orçamento do IGC, mantendo intacto o seu perfil único enquanto centro de investigação e ensino, é um grande desafio. Mas é sem dúvida um desafio que vale a pena.

COMO VÊ O IGC ENTRE AS INSTITUIÇÕES CONGÊNERES NA EUROPA?

Deixe-me começar por dizer que a minha experiência em instituições científicas na Europa, que possam ser equiparadas ao IGC, não é vasta. Apesar desta experiência limitada, posso dizer que o IGC sobressai graças a características humanas muito importantes, nomeadamente um otimismo generalizado em conseguir alcançar muito com poucos recursos, o orgulho pelo que se tem vindo a conseguir, a enorme abertura e entusiasmo em receber visitantes e a ausência de vaidades. Além de tudo isto, o que mais impressiona quem visita, seja por uma vez, ou várias vezes durante anos, como foi o meu caso, é ver que as pessoas são felizes no IGC. Este carácter especial é evidente para quem está de visita, mesmo por um curto período. Porquê? Há algumas razões que fui observando: os cientistas são jovens, mas têm total liberdade e independência; o instituto é gerido tendo por base uma intensa cooperação e, tal como o Instituto de Imunologia de Basileia, está construído à volta de um local de encontros, com uma cafeteria e um pátio principal, onde há muita luz solar. Acredito ainda, e não creio que seja uma coincidência, que as características humanas das pessoas no IGC refletem as de António Coutinho, seu diretor desde 1998.

Como instituição científica, o IGC tem sido extremamente bem-sucedido a atrair bons investigadores e bons alunos. Nos últimos cinco anos, o sucesso tem sido transformado em apoios substanciais de fontes internacionais extremamente competitivas. **De todos os outros institutos que conheço, o IGC é o que tem o orçamento mais baixo e a mais alta taxa de sucesso na obtenção de fundos externos.** A Fundação Gulbenkian dá um apoio muito generoso, numa escala que define e limita a escala do IGC. Creio que um orçamento pequeno defende o IGC da presunção e de uma ambição desmesurada de crescimento, e isso é definitivamente uma coisa boa para a ciência.

UMA VEZ QUE CONHECE O IGC, JÁ QUE FOI MEMBRO DO CONSELHO CIENTÍFICO, QUE PLANOS TEM PARA INICIAR ESTE NOVO PERÍODO?

O Conselho Consultivo procurou assegurar sempre a excelência em tudo o que o instituto fazia, não sendo o principal responsável pela definição das suas prioridades académicas. Nos últimos anos, esteve muito envolvido na procura de parcerias, mas também na definição de uma maior autonomia, como era desejo manifesto da Fundação. Além disso, o IGC acolheu os grupos fundadores da Fundação Champalimaud, e o Conselho Científico fez a avaliação académica dos candidatos. O resultado é conhecido e o IGC acolheu, durante algum tempo, um notável grupo de jovens neurobiólogos, até à sua mudança para o novo instituto Champalimaud.

No entanto, muitas áreas da neurobiologia não estão abrangidas pelo programa da Champalimaud e o IGC pode alargar a investigação neste campo, não competindo com o programa Champalimaud, mas expandido as áreas. A juntar à biologia celular, imunologia e desenvolvimento, e evolução, o IGC espera também aumentar o trabalho em biologia e ecologia de plantas. O novo Conselho Científico dará uma ajuda no recrutamento de novos investigadores para estas áreas.

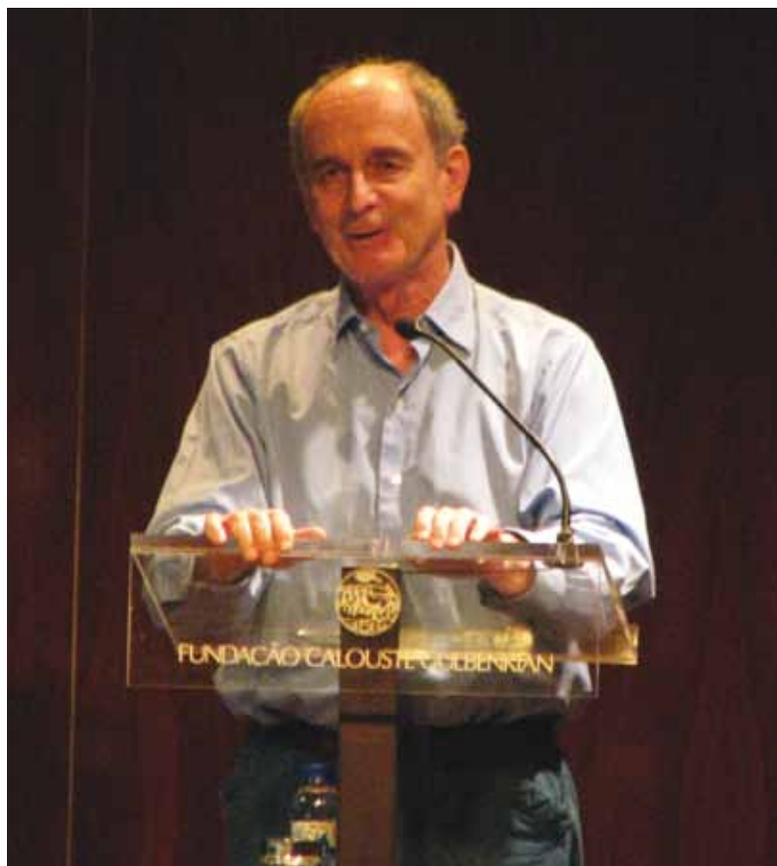
TENDO EM CONTA A CRISE ECONÓMICA NA EUROPA, PREOCUPA-O O INVESTIMENTO NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA?

As perspetivas para a ciência nos países europeus mais debilitados estão longe de ser brilhantes. A crise pode impedir o recrutamento, pode tornar mais difícil a permanência de cientistas, até numa instituição como o IGC, em que a ligação à Fundação o protege dos ventos frios da crise. Apesar de tudo, há um otimismo notável no IGC e um sentimento de que tudo vai correr bem. É também de salientar as boas intenções do Governo, através da Fundação para a Ciência e Tecnologia, em preservar a ciência de excelência que se faz em Portugal, apostando nos que conseguem mais resultados. O IGC terá de entrar numa competição muito mais cerrada, mas acredito que tudo correrá pelo melhor.

Estou muito preocupado com os cortes salariais contra os quais muitos investigadores do IGC não estão protegidos, mas só podemos acreditar na estoica e disciplinada resposta dos portugueses nesta crise. Estou convencido de que Portugal voltará a ter uma economia forte.

VAI DEIXAR COLÓNIA ONDE ESTEVE DURANTE 18 ANOS. COMO VÊ ESTA MUDANÇA NA SUA CARREIRA?

Estou orgulhoso e feliz. **O IGC sempre foi para mim uma espécie de Nirvana, um instituto ideal onde os jovens cientistas recebem o maior apoio possível.** Os institutos universitários alemães têm muitas qualidades positivas, tenho colegas seniores de primeira linha, e o financiamento



da investigação na Alemanha é feito através de concursos bastante fiáveis e adequados. Mas, apesar de todas estas vantagens, são lugares que apresentam algumas dificuldades aos jovens cientistas que querem investigar com independência. A estrutura da carreira científica alemã é muito restritiva, muito difícil. Vemos muitos jovens à beira dos 40 que estão quase a saltar fora, sem nenhuma rede de segurança. Pode ser muito aliciante chegar ao topo da carreira enquanto professor na Alemanha, mas isso é geralmente conseguido à custa dos jovens cientistas.

Tenho um excelente grupo de investigação em Colónia, apoiado pela German Research Foundation (Deutsche Forschungsgemeinschaft) que vai continuar o seu trabalho. A Fundação Gulbenkian reconheceu-lhe a importância e permite que supervisione esse trabalho. No entanto, penso abrir no IGC um pequeno laboratório como extensão deste trabalho e alguns colegas meus de Colónia já manifestaram interesse em deslocar-se a Oeiras para o acompanhar. Estou a pensar também em novas colaborações com novos colegas investigadores do IGC, enquanto cientista e não como diretor.

Quanto ao tempo em que estive em Colónia, que menciona, parece fazer parte de um padrão na minha carreira – passar muito tempo num sítio e depois sair. Estive 11 anos em Oxford, 20 anos em Cambridge e 18 anos em Colónia. Vamos ver quantos estarei em Lisboa! ■



Os professores vão às aulas no IGC

Do ensino pré-escolar ao secundário, mais de uma centena de professores participaram nos cursos, oficinas e projetos realizados no Instituto Gulbenkian de Ciência este ano, a fim de obter novas ferramentas teóricas e práticas para o ensino da Biologia nas escolas.

Numa série de quatro sessões, professores do ensino secundário foram convidados a discutir resultados de artigos científicos e a desenhar estratégias experimentais, após assistirem a um seminário científico, no curso Biologia dos Tempos Modernos.

Apesar do trabalho adicional que tiveram de desenvolver em horário extralaboral, os professores mostraram-se entusiasmados e participativos durante todas as sessões. Um dos 65 participantes não deixou de assinalar as diferenças entre este e outros cursos: “O comum é encontrar ações nos centros de formação que são muito limitadas a nível científico e confesso que estas ações estão a ser uma lufada de ar fresco e estou a adorar o desafio!”

O mesmo entusiasmo esteve presente no grupo de 16 professores que frequentaram a oficina Inspirar Ciência, este ano dedicada ao ciclo celular – o processo pelo qual as células se dividem. Os professores tiveram a possibilidade de desenvolver um pequeno projeto científico dentro dos laboratórios do IGC, sendo acompanhados pelos cientistas da casa. A formação de ambos os cursos esteve a cargo da equipa de Comunicação de Ciência e contou com a participação dos investigadores do IGC (alunos de doutoramento, pós-doutorados e coordenadores de grupos de investigação).

BIOINFORMÁTICA E INOVAÇÕES

O projeto Bioinformática nas Escolas, desenvolvido pela Unidade de Bioinformática e Biologia Computacional do IGC, procura dar a conhecer a professores e alunos do ensino básico e secundário a importância da bioinformática na análise de dados biológicos e tornar as atividades práticas das disciplinas das Ciências da Vida mais apelativas e interativas. “As competências que adquiri permitem-me preparar materiais para os meus alunos e adaptar os conteúdos a alunos mais jovens, como os do terceiro ciclo, por exemplo”, comentou uma das formandas. Iniciado em duas escolas-piloto em 2007, este projeto conta hoje com 14 escolas de quatro distritos diferentes do país.

E porque o gosto pela ciência deve começar de pequenino, o IGC participa num projeto que envolve escolas do 1.º ciclo e do pré-escolar e institutos de investigação. O Aqui Há Ciência, promovido pela Câmara Municipal de Oeiras e desenvolvido em parceria com o IGC e o Instituto Superior Técnico, tem como desafio fomentar a curiosidade pelo conhecimento científico nos mais novos, através de atividades experimentais adaptadas ao currículo escolar, num processo contínuo de pergunta-resposta. O projeto é constituído por sessões de formação dadas a professores e educadores, seguidas pela realização das atividades experimentais na sala de aula pelos próprios formandos. Aqui Há Ciência é um projeto-piloto que decorre em duas escolas do concelho de Oeiras: a EB1/JI do Alto de Algés e a EB1/JI de Porto Salvo. ■

Cientistas desvendam motilidade do espermatozoide

Os espermatozoides nadam, as células do pulmão removem o muco pulmonar e as das trompas de Falópio empurram o óvulo até ao útero. Subjacentes a estes fenómenos estão os flagelos – estruturas finas, semelhantes a antenas, que se movem ou ondulam ritmicamente, amarrados à membrana celular. Recorrendo à mosca da fruta, cientistas do IGC dissecaram o processo pelo qual uma célula constrói o flagelo. Os resultados, publicados na revista científica *Developmental Cell*, poderão contribuir para melhor compreender uma variedade de doenças humanas, incluindo esterilidade, disfunção pulmonar e hidrocefalias.

A equipa liderada por Mónica Bettencourt-Dias questionou o modo como a célula constrói um flagelo, e em particular como é que garante que este seja móvel. A equipa debruçou-se sobre quando e como é formada uma estrutura proteica chamada “par central de microtúbulos”, sem a qual o flagelo perde a capacidade de se mover de forma coordenada. Na pequena mosca da fruta, *Drosophila melanogaster*, utilizada como organismo modelo há mais de 100 anos, tal como nos humanos, os espermatozoides deslocam-se até ao ovo com a ajuda de um longo flagelo. Os investigadores conseguiram descrever, pela primeira vez detalhadamente, todos

os passos microscópicos que levam à formação do flagelo móvel dos espermatozoides da mosca. Para tal, foi necessária a utilização de um tipo de microscopia especial – eletrónica – que permitiu o estudo de estruturas cerca de 3500 vezes mais pequenas do que um cabelo humano.

Conseguiram demonstrar que um gene da mosca, chamado “Bld10”, é essencial para a construção do flagelo do espermatozoide. Moscas com uma mutação neste gene geram espermatozoides com flagelos incompletos e imóveis, tornando os machos completamente estéreis. No genoma humano existe um gene que codifica para uma proteína semelhante a esta e que foi já associada em estudos anteriores a infertilidade masculina. Mónica Bettencourt-Dias acrescenta: “Descobrimos que este processo é muito mais dinâmico do que imaginávamos; primeiro, forma-se um único filamento de microtúbulos e, depois, o segundo filamento. O nosso trabalho responde a perguntas que estavam há anos sem resposta, mas levanta outras questões para as quais a mosca da fruta poderá dar as respostas.”

O trabalho foi realizado em colaboração com o laboratório de Tiago Bandeiras, do Instituto de Tecnologia Química e Biológica (ITQB), também em Oeiras. ■

Desflorestação pré-histórica

A revista científica *Proceedings of the National Academy of Sciences USA* (PNAS) publicou um trabalho sobre a desflorestação numa região da ilha de Madagáscar que revela não ser o homem o primeiro responsável pela degradação daqueles ecossistemas tropicais. Os autores do estudo, entre eles Lounès Chikhi, investigador principal do IGC e também do CNRS (Centre national de la recherche scientifique, Toulouse, França), analisam a contração da população de sífacas-de-coroa-dourada (*Propithecus tattersalli*), na região de Daraina, no Norte de Madagáscar. Recorrendo a fotografias aéreas e de satélite, os investigadores concluíram que a contração parece ter ocorrido numa época anterior à chegada de humanos à ilha, uma vez que a densidade florestal nesta região se manteve inalterada nos últimos 60 anos. Estes resultados, combinados com registos paleontológicos e históricos, sugerem que os habitats abertos da região de Daraina de hoje resultam de alterações climáticas pré-humanas. As secas do Holocénico poderão ter levado, no Norte de Madagáscar, ao aumento da desflorestação e subsequente redução no número de sífacas-de-coroa-dourada que vive nas árvores.

Os resultados deste estudo são muito relevantes para as comunidades de climatologistas, ecologistas, biólogos evolutivos e de conservação, como diz Lounès Chikhi: “Não há dúvida de que, desde a sua chegada à ilha, os humanos têm sido dos principais agentes na extinção de várias espécies em Madagáscar. Mas, como demonstrámos, a sua presença poderá não ser a única causa de perda de biodiversidade. Por isso, é arriscado alienar as comunidades locais, obrigando-as a abandonar as suas terras, em vez de trabalhar com essas comunidades, no sentido de encontrar soluções locais que assegurem uma gestão sustentável de recursos.” Lounès Chikhi salienta que, apesar dos resultados que agora obtiveram, o IUCN (International Union for Conservation of Nature) propôs recentemente a inclusão da sífaca-de-coroa-dourada na sua Lista Vermelha, classificada como espécie em perigo crítico. Por outro lado, a região de Daraina poderá ser afetada por planos para asfaltar a estrada que atravessa a região, e o aumento de caça furtiva e de exploração mineira que se tem verificado desde os acontecimentos políticos de 2009 torna as ações de conservação cada vez mais necessárias. ■

A importância de brincar

O projeto Opus Tutti, que desenvolve um trabalho dedicado aos cuidados na primeira infância por meio de práticas artísticas, com o apoio da Fundação Gulbenkian, tem mais uma ação agendada para **22 de setembro**: trata-se do **2.º Encontro Internacional Arte para a Infância e Desenvolvimento Humano**.

O objetivo é fazer um balanço do trabalho já realizado, mas também mostrar pequenas peças músico-teatrais criadas para serem apresentadas em creches e jardins de infância. Ao longo do dia 22, haverá ainda espaço para discutir questões relativas à formação de recursos humanos no que respeita à arte para a infância. Vários elementos da equipa do Opus Tutti participam neste encontro, onde também estarão presentes outros convidados que cruzam diversas áreas artísticas. O encontro dirige-se a profissionais da educação e da saúde, músicos, artistas e estudantes interessados em promover a riqueza da experiência humana e educativa, através da participação e fruição artística na infância.

“A primeira infância é uma fase em que se aprende muito e a uma velocidade vertiginosa – isto está comprovado. As experiências dos primeiros anos de vida são, portanto, muito importantes para o resto da vida”, afirma Helena Rodrigues, coordenadora do Opus Tutti, apontando assim o princípio essencial que está na base deste projeto.

AS POSSIBILIDADES DO CONTACTO MUSICAL

“Opus Tutti significa ‘Obra de Todos, para Todos’; significa ‘Obra Total’, no sentido em que todos são participantes, atores, fazedores”, explica por seu lado Paulo Maria Rodrigues, diretor artístico do projeto, no documentário *Germinar*, em que o realizador Pedro Sena Nunes cobriu as atividades desenvolvidas pelo Opus Tutti em 2011. No filme (integralmente disponível na Internet) observamos vários momentos dos *workshops* exploratórios para bebés, em contacto com crianças mais velhas, e dos *workshops* de “ludofónica experimental” para músicos, artistas e educadores. As brincadeiras desenvolvem-se à volta de sons e de gestos, e de tudo o que compreende uma comunicação não verbal.

Ninguém se senta em cadeiras, simplesmente partilha-se o espaço: “Há um jogo que faz com que as pessoas prescindam de algumas barreiras e reservas e se tornem mais disponíveis para o contacto com os outros”, descreve Paulo Maria Rodrigues. Os mentores deste projeto defendem que



nestas situações se torna possível criar um conjunto de laços que não existe no quotidiano e que permite trabalhar uma zona mais primária das emoções e da comunicação não verbal. “A música e o movimento têm esta capacidade: encontrar pontos comuns entre as pessoas”, conclui o diretor artístico.

Assim surgiu no Jardim Gulbenkian a performance *Um Plácido Domingo* (ou diálogo performativo, como preferem chamar-lhe os seus criadores), há precisamente um ano. “Foi corolário de todo um processo de pesquisa e uma experiência muito rica a vários níveis, pois levantou uma série de ideias relativas às possibilidades de contacto musical na comunidade e no dia a dia de qualquer creche”, diz Helena Rodrigues, que é também cofundadora e intérprete da Companhia de Música Teatral, onde, ao lado de Paulo Maria Rodrigues, desenvolve há mais de dez anos um trabalho pioneiro com um repertório de espetáculos em que se articula criação artística com investigação académica e observação no terreno. O Opus Tutti está também ligado ao Laboratório de Música e Comunicação na Infância, um espaço de investigação integrado no Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (FCSH-UNL), do qual Helena Rodrigues faz parte.

BABELINHOS, GAMELINHOS E NOVELINHOS

Este ano, entre outras ações, o Opus Tutti tem realizado residências artísticas com educadores para a criação de um conjunto de peças músico-teatrais dirigido a crianças dos zero aos três anos. *Babelinhos*, *Gamelinhos* e *Novelinhos* – assim foram batizadas estas peças – baseiam-se em pequenas instalações sonoras e diferentes universos plásticos, oferecendo ambientes de interação artística aos mais



pequeninos. São performances com uma duração de cerca de 30 minutos, pensadas para contextos institucionais, como creches e jardins de infância. No Encontro de 22 de setembro haverá uma demonstração do que pode ser feito com estas peças. São experiências coletivas, intergeracionais, onde há caixinhas de música, canções, sussurros, cócegas e mimos, e todo um conjunto de recursos musicais que tem como base o Babelim, uma “linguagem que bebês, pássaros e pedras sabem falar e que os adultos podem aprender se escutarem”. Com estas peças, a ideia é que a voz, o contacto físico, o movimento, o olhar, e “todos os sentidos que governam o relacionamento humano” sejam instrumentos de trabalho de qualquer educador e cuidador de infância.

“A criação artística para a infância, enquanto prática de sensorialidades levadas ao extremo, pode contribuir para lembrar a importância desses canais de comunicação”, assegura Helena Rodrigues. Com esta iniciativa, o Opus Tutti “procura responder ao desafio de fazer chegar às creches experiências artísticas originais, de qualidade, de baixo custo e elevada portabilidade”. Pode ser que estas “peças portáteis” possam circular num futuro próximo por creches e jardins de infância por todo o país.

Para já, é no centro infantil O Roseiral, em Lisboa, que esta experiência se vai realizar e nela os familiares dos bebês também são convidados a participar. A apresentação destas peças músico-teatrais é uma atividade que, idealmente, deverá ser calendarizada para o início da manhã ou para o final do dia, para que os pais possam estar presentes, quando vão deixar ou buscar os seus filhos à creche ou jardim de infância. O objetivo último é libertar a imaginação, estreitar laços e criar momentos especiais na rotina habitual das instituições. ■

ARTE PARA A INFÂNCIA E DESENVOLVIMENTO HUMANO – II ENCONTRO INTERNACIONAL

22 SETEMBRO, 9H ÀS 18H

Auditório 3 e Sala 2 da FCG

Inscrição gratuita – educa@musicateatral.com

www.opustutti.blogspot.pt

First International Call for Players

Até 30 de abril de 2013, a Companhia de Música Teatral está a promover o First International Call for Players, que pretende chamar a atenção para a importância de brincar e do contacto afetivo nos cuidados da infância. Envie o seu registo em vídeo (entre 20 segundos e 2 minutos) de um momento de brincadeira e interação individual com um bebé e poderá ver as suas imagens selecionadas para integrarem uma instalação e outras iniciativas de carácter artístico a realizar em 2014, no âmbito do projeto Opus Tutti. Os autores dos vídeos selecionados, que podem ser profissionais da educação da infância, artistas, pais, irmãos, avós ou cuidadores em geral, figurarão como contribuidores das ações diretamente relacionadas com o projeto e receberão uma publicação da Companhia de Música Teatral.

Contacto para mais informações:
call4players@musicateatral.com



Pessoal de enfermagem do Hospital de Santo António (Porto), 1955. Arquivo da Escola Superior de Enfermagem do Porto, Pólo Ana Guedes.

A tese de doutoramento sobre história da enfermagem em Portugal, que Helena da Silva realizou numa universidade francesa com uma bolsa da Fundação Gulbenkian, recebeu em maio o prémio da Fédération Hospitalière de France, numa cerimónia que teve lugar em Paris. Esta distinção é atribuída a cada dois anos, em França, a trabalhos de investigação de alta qualidade no âmbito da História dos Hospitais.

“Como a minha tese foi totalmente redigida em francês, pude concorrer a este prémio”, explica-nos por *email* Helena da Silva. “Foi uma tarefa árdua e longa, até porque muita da informação recolhida, quer nos arquivos, quer em entrevistas, estava em português”, confessa a doutora em História Contemporânea pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (França) e pela Universidade do Minho. Todo o seu esforço foi, porém, recompensado por este prémio de reconhecimento da qualidade do seu trabalho, que concorreu ao lado de teses redigidas por doutorandos de língua francesa materna.

Helena da Silva defendeu a sua tese, “Soigner à l’hôpital: histoire de la profession infirmière au Portugal (1886-1955)”, em dezembro de 2010, tendo obtido a mais alta menção atribuída em França (“Très honorable avec félicitations du jury”). Na tese, Helena fazia uma comparação na evolução histórica da enfermagem, onde ficava demonstrado que este desenvolvimento não tinha sido um processo isolado, mas que estava intimamente relacionado com a cultura, a política, a economia e a religião, tendo Portugal copiado, em vários momentos, modelos estrangeiros.

HISTÓRIA DA ENFERMAGEM CRUZA-SE COM A DA FUNDAÇÃO

O interesse de Helena da Silva pelo tema surgiu quando ainda era estudante de licenciatura em História, na

Universidade do Minho, e fez Erasmus na Irlanda. Foi aí que teve o primeiro contacto com história da Medicina e da Saúde. Quando pensou em fazer um estudo comparativo sobre história da enfermagem entre o seu país de acolhimento e o seu país de origem, apercebeu-se de que em Portugal o tema estava ainda pouco explorado.

Em 2009, quando já estava a fazer investigação em França com uma bolsa da Fundação, explicava-nos numa breve entrevista que a história da enfermagem em Portugal passava também pela história da própria Fundação Gulbenkian, que financiou a Escola de Enfermagem Dr. Henrique Teles (hoje integrada na Universidade do Minho), dotando-a de um edifício próprio inaugurado em 1961. “Hoje, a enfermagem continua a progredir no contexto europeu, adaptando-se constantemente a novos modelos e ao contexto político-económico”, diz esta historiadora de 30 anos, natural de Braga, que continua a trabalhar o tema da sua tese, aprofundando várias questões que considera importante dar a conhecer através de artigos e de conferências. “Este prémio demonstrou ainda que, no mundo académico francês, que é bastante competitivo, há também espaço e possibilidades para a investigação sobre Portugal”, acrescenta.

Regressar a Portugal não está nos planos de Helena para o futuro próximo. Atualmente trabalha na Universidade do Havre (França), onde permanecerá até ao próximo ano a lecionar e a colaborar em vários projetos do laboratório de investigação GRIC (Groupe de Recherches Identités et Culture). Iniciou, entretanto, uma série de pesquisas relacionada com a participação de Portugal na Primeira Grande Guerra, nomeadamente sobre os cuidados de saúde e a assistência aos militares e às suas famílias. E, como nos últimos anos também tem acompanhado um grupo de investigação (na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales) sobre história da família, está a fazer pesquisas sobre a evolução do casamento em Portugal. ■

Fórum Gulbenkian de Saúde 2012

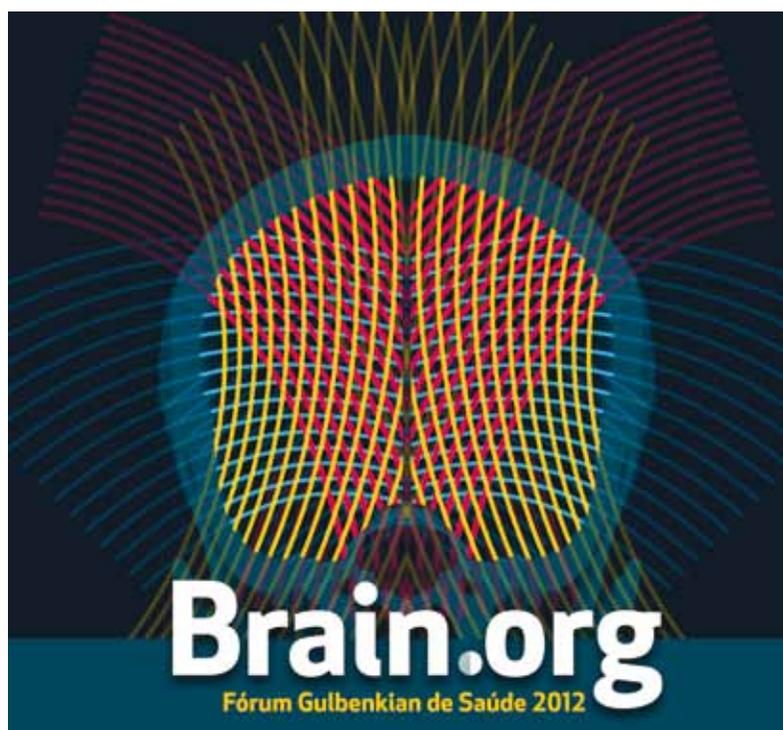
O cérebro, o pensamento e as descobertas da neurociência

Brain.org é o título do Fórum Gulbenkian Saúde 2012, que nos dias **9 e 10 de outubro**, vai trazer ao Auditório 2 da Fundação os progressos e a evolução da investigação científica sobre o cérebro e as suas funções.

A neurocientista britânica Susan Greenfield, que tem alertado para o impacto das novas tecnologias no cérebro dos humanos, terá a seu cargo a conferência de abertura do Fórum. Ao longo de dois dias, serão discutidos temas como a consciência ou o sono, mas também a relação do cérebro com a moral, a música, a beleza e a arte, a tecnologia e as questões de género, com conferências proferidas por investigadores e prestigiados nomes da neurociência.

Nas últimas duas décadas, o nosso conhecimento sobre o funcionamento do cérebro aumentou de forma extraordinária. Tal como as revoluções industriais e das tecnologias de informação alteraram de modo significativo a vida da maioria das pessoas, é previsível que os novos conhecimentos sobre o cérebro e as suas funções, que incluem a percepção, a ação, a memória, a criatividade e as emoções, originem mudanças ainda mais proeminentes nas nossas vidas.

As sessões deste programa científico destinam-se a investigadores das áreas biomédicas, educadores em saúde, sociólogos e assistentes sociais, terapeutas, estudantes, mas também ao público em geral. A entrada é livre. ■



As Cores do Pensamento

Entre 25 setembro e 25 de outubro, no Jardim Gulbenkian e no Terreiro do Paço, estará exposto um conjunto de painéis onde representações visuais do cérebro em grande formato estão em correlação com reproduções de obras de arte. As representações visuais do cérebro aqui apresentadas são obtidas através de técnicas sofisticadas, utilizadas por eminentes investigadores do mundo inteiro que têm colaborado entre si transpondo fronteiras e produzindo imagens com cores vivas. Uma primeira versão desta mostra foi organizada em Milão, por ocasião do BrainForum 2011. Para além de Lisboa, este ano a mostra apresenta-se em Paris, Deauville e Mónaco. Em 2013, a iniciativa estende-se também a várias outras cidades europeias e norte-americanas, e ainda a Telavive.

As Idades do Mar

Exposição do Museu Gulbenkian

O mar é o tema central da exposição que o Museu Calouste Gulbenkian vai apresentar a partir do dia 26 de outubro, na Galeria de Exposições Temporárias da Fundação. Em exposição vão estar mais de uma centena de obras, dos séculos XVI ao XX, provenientes de 46 instituições nacionais e estrangeiras, com o apoio excepcional do Museu d'Orsay.

Partindo de uma sondagem histórica da representação visual do mar, a mostra procura identificar os temas fundadores que levaram à sua extensa e recorrente representação na pintura ocidental. A exposição desenvolverá o conceito que dá título ao projeto em seis secções distintas: As Idades dos Mitos, As Idades do Poder, O Mar e o Trabalho, Tormentas e Naufrágios, Contemplação e Viagem e O Mar como Símbolo. **Van Goyen, Lorrain, Turner, Constable, Friedrich, Courbet, Boudin, Manet, Monet, Signac, Fattori, Sorolla, Klee, De**



Johannes Larsen, "Migração de pássaros", Dinamarca, 1924, Óleo sobre tela, Folketinget, Copenhaga

Chirico, Hopper, são alguns dos 86 autores presentes na exposição com obras de superior qualidade. Também a pintura portuguesa, através de **Henrique Pousão, Amadeo de Souza-Cardoso, João Vaz, Maria Helena Vieira da Silva e Menez**, entre outros, contribuirá para esta abordagem exaustiva e por vezes inesperada de um motivo tão fascinante – e simultaneamente com especial significado na história e cultura portuguesas. ■

26 DE OUTUBRO DE 2012 – 27 DE JANEIRO DE 2013
Galeria de Exposições Temporárias, Sede

Três Pontos de Contacto

Um novo modelo de residência artística

A dupla artística Von Calhau! (Porto) será a primeira a testar um novo modelo de residência no Reino Unido para artistas de todo o mundo, num projeto apoiado pela Delegação do Reino Unido da Fundação Gulbenkian. Três curadores estabelecidos no Reino Unido – particularmente interessados em manter uma forma sustentável de apoiar artistas num clima de austeridade económica – planearam e desenvolveram um novo projeto que se inspira na teoria dos três pontos de contato como uma maneira eficaz de criar mobilidade, facilitar o desenvolvimento profissional e fortalecer as relações interculturais entre artistas, a nível nacional e internacional.

Judit Bodor, curadora independente baseada em York, Jenny Brownrigg, diretora de Exposições na Glasgow School of Art, e Blair Todd, vice-diretor e curador de Exposições na Newlyn Art Gallery and The Exchange, Cornwall, são os três curadores que, à vez, acolherão os artistas por duas semanas, em três localizações geográficas diferentes do Reino Unido, partilhando assim os custos associados à residência. Ao mesmo

tempo, este modelo triplica os recursos, o número de contactos, redes e experiências que os artistas deverão adquirir, cria uma rede internacional segura de organizações e profissionais dentro da qual os artistas podem trabalhar.

No ano "piloto" as três organizações que acolherão os Von Calhau! no Reino Unido serão a New Schoolhouse Gallery em parceria com a York St John University (novembro 2012), a Glasgow School of Art (dezembro 2012) e The Exchange, Penzance (janeiro 2013). Em cada organização, a dupla trabalhará em proximidade com artistas regionais, selecionados por terem interesses em comum com o grupo em residência – no caso dos Von Calhau! abrangendo rituais, mitos, paisagens e sons – o que permitirá a exploração em conjunto de novas ideias e novas abordagens. As residências contarão também com o envolvimento do público no processo criativo, através de um *set-up* de estúdio aberto com uma série de eventos participados, e serão complementadas por um *blog/website* interativo. ■ www.threepointsofcontact.info (disponível a partir de outubro)

Concurso para a diáspora portuguesa

A segunda edição do FAZ – Ideias de Origem Portuguesa tem início previsto para outubro, com o lançamento do concurso de ideias de empreendedorismo social dirigido à diáspora portuguesa. Aquele que foi o primeiro capítulo desta iniciativa da Fundação Gulbenkian e da Fundação Talento terminou a 31 de julho, quando a Oficina Pop-up foi anunciada como vencedora do Bootcamp FAZ – IOP, depois de dois dias em que onze equipas receberam formação em empreendedorismo social.

O Bootcamp IES powered by INSEAD, que teve lugar na Fundação Gulbenkian, foi o culminar de um caminho durante o qual, e ao longo de meses, os participantes não finalistas da primeira edição do FAZ tiveram a oportunidade de receber, em formato eletrónico, fichas que os dotaram de conhecimentos e ferramentas importantes para uma futura implementação dos seus projetos.

A Oficina Pop-up, que se destacou neste Bootcamp, quer ser “uma plataforma que proporcione o encontro entre uma população envelhecida de artesãos tradicionais e jovens de instituições de inserção social”. O júri destacou ainda os projetos AstroPT, uma plataforma online para a divulgação



da ciência, R.A.I.Z.E.S. – Centro de apoio à inserção social e cultural do imigrante em Portugal, e a Cooperativa Made in Portugal, que deseja “aproveitar talentos nacionais, reabilitar costureiros no desemprego e simultaneamente promover produtos de moda inovadores”.

O FAZ começou em 2010 como um mecanismo para aproveitar o capital humano que os milhões de portugueses espalhados pelo planeta representam, e assim transformar a famigerada “fuga de cérebros” numa oportunidade de utilizar as capacidades e experiências dos nossos emigrantes. Na primeira edição apresentaram-se a concurso cerca de duas centenas de ideias inovadoras nas áreas do ambiente e sustentabilidade, da inclusão social, do diálogo intercultural e do envelhecimento.

A ideia vencedora da primeira edição – Reabilitação a Custo Zero –, do arquiteto português José Paixão, que através de um sistema de parcerias garante a requalificação de prédios devolutos sem custos, está já a requalificar um prédio degradado da baixa portuense. Entre outros casos de sucesso do FAZ estão o GreenLab e o TECO Planner, ambos em avançado estado de implementação. ■

Cultura portuguesa na China

A Fundação Calouste Gulbenkian, o Instituto Camões e várias universidades portuguesas assinaram um protocolo de parceria para o desenvolvimento de ações de natureza cultural, educativa e científica na República Popular da China. O objetivo é criar modalidades de colaboração entre todas estas entidades que permitam promover a língua e a cultura portuguesas naquele país, de um modo coordenado e otimizado. Para tal, os parceiros obrigam-se a trocar informação regular sobre as atividades que desenvolvem na China, em articulação com as universidades e instituições daquele país.

O acordo prevê o reforço e consolidação das ações de cooperação com as universidades chinesas; a realização de um conjunto variado de cursos e outras atividades forma-

tivas, dirigidas preferencialmente a docentes chineses; a investigação sobre o ensino e aprendizagem do Português como língua estrangeira na República Popular da China; a criação de guias do professor sobre a metodologia de ensino do português naquele país; o apetrechamento bibliográfico de instituições do ensino superior e de investigação da República Popular da China; e a criação de um sítio na Web que apoie as atividades de formação de docentes chineses.

O protocolo foi assinado pelo presidente da Fundação Gulbenkian Artur Santos Silva e pelo administrador Eduardo Marçal Grilo, pelos reitores das Universidades de Lisboa, Nova, do Minho e de Aveiro, bem como pelos presidentes do Instituto Politécnico de Leiria e do Instituto Camões. ■

Balanço e Contas da Fundação Gulbenkian

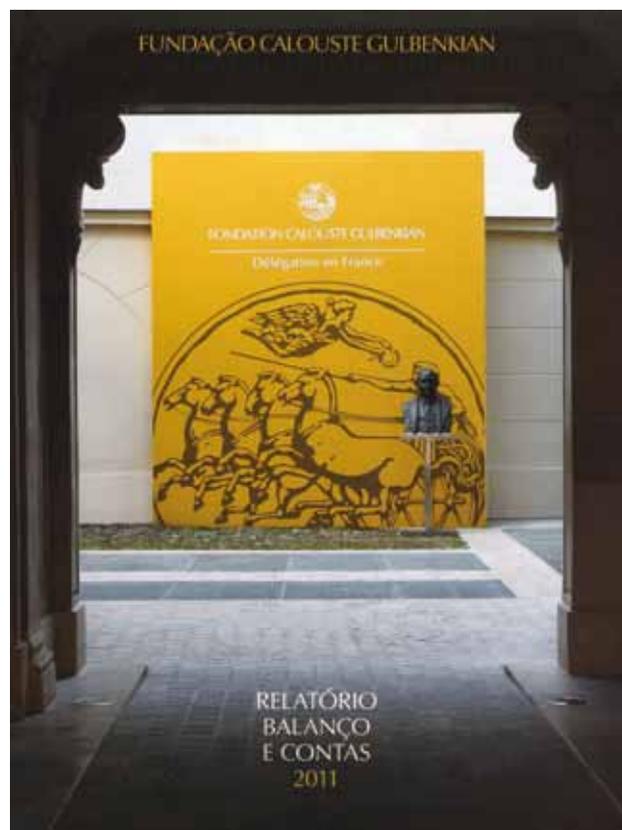
Em 2011, num ano marcado pela crise económico-financeira mundial, a Fundação Gulbenkian aumentou em 87,8 milhões de euros os seus ativos totais, o que representa uma subida de cerca de 3% em relação a 2010. A 31 de dezembro de 2011, o seu património líquido ascendia a 2645,5 milhões de euros, traduzindo-se num reforço de 89,7 milhões de euros em relação ao ano anterior (+3,5%). Os números fazem parte do Relatório, Balanço e Contas de 2011, o último da responsabilidade de Emílio Rui Vilar enquanto presidente da Fundação Gulbenkian.

No texto por si assinado e que abre o Relatório anual, pode ler-se um balanço dos 16 anos em que teve responsabilidades executivas na Fundação (dez como presidente e seis como administrador). O texto começa por lembrar estes anos que foram de profundas mudanças no mundo, entre elas o fim do bloco soviético, as guerras do Golfo, a proliferação das novas tecnologias, o 11 de setembro, o lançamento do euro e a crise financeira iniciada em 2007. Nestes anos, os ativos e o fundo de capital da Fundação cresceram em termos nominais e em termos reais e, como escreve Emílio Rui Vilar sobre os anos de crise financeira, “o facto de não termos gasto anualmente mais de 3,5% do valor médio do património nos últimos três anos foi uma prática defensiva e anticíclica que nos permitiu, por outro lado, uma estabilidade relativa dos orçamentos, evitando grande oscilação na nossa atividade”.

As atividades e os beneficiários dos apoios da Fundação estão bem patentes nos números registados de 2002 a 2011: cerca de 16 mil beneficiários de subsídios, mais de 57 mil bolseiros, 400 mil pessoas que frequentaram as atividades educativas, além das atividades permanentes relacionadas com concertos e espetáculos, visitas às exposições temporárias ou museus e a organização de colóquios e seminários.

UMA FUNDAÇÃO NO MUNDO

Os acontecimentos dos últimos anos demonstraram o nível de interdependência dos Estados, ditada não só pela globalização mas também pela dimensão e escala dos proble-



mas que surgiram. Uma situação que exigiu ações concretas da sociedade civil, nomeadamente das fundações. As linhas de ação enunciadas pelo então presidente da Fundação – “produção de pensamento e de ideias capazes de contrariar tanto os radicalismos, como a complacência com os relativismos; o apoio a ações com forte efeito de demonstração” – ou ainda a criação de parcerias mais fortes e mais ativas levaram a Fundação a estar mais presente nos *fora* europeus e internacionais e nos “debates das grandes questões do nosso tempo”.

Uma Fundação *for all humanity*, como teria enunciado o Fundador, e que nos últimos anos reforçou a sua intervenção através do investimento em novas áreas, como refere Emílio Rui Vilar, “as migrações, o diálogo intercultural, o ambiente, a inovação e a criatividade, o empreendedorismo e a capacitação de organizações não lucrativas”. Apostando em projetos mais transversais e inovadores e criando Programas Gulbenkian, com horizonte temporal definido, a Fundação criou uma nova cultura de avaliação do impacto das suas ações que continua a ser posta em prática. No final do texto introdutório ao Relatório, Emílio Rui Vilar escreve sobre o compromisso da Fundação nestes anos: “Estar com o seu tempo e, se possível, antecipar o futuro. A ideia de movimento e o compromisso com o futuro significam que muitas coisas começam e outras devem acabar, lógica que só os obtusos imobilistas não são capazes de compreender.” ■

Novo diretor do Serviço de Finanças e Investimentos

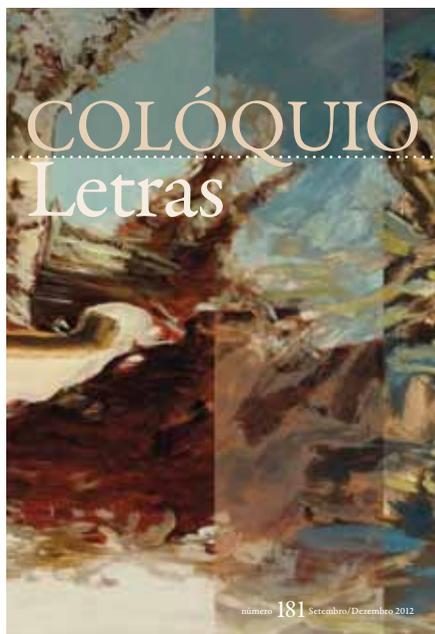
José Neves Adelino, 58 anos, licenciado em Finanças pela Universidade Técnica de Lisboa e doutorado em Finanças pela Kent State University, é o novo diretor do Serviço de Finanças e Investimentos da Fundação Gulbenkian.

Professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa, onde leciona desde 1981, é também professor convidado do Bentley College desde 2006. José Neves Adelino tem um percurso marcado pela especialização nas áreas de finanças, investimentos e *corporate governance*.

Substituiu Alasdair Mackintosh que se reformou, após 23 anos em que, com as mais altas qualidades profissionais, serviu a Fundação Gulbenkian com total dedicação e empenho. ■

Doação de obras de Hein Semke ao CAM: esclarecimento

A notícia sobre a doação de obras de Hein Semke ao CAM, publicada no último número da Newsletter, vinha acompanhada de uma fotografia cuja autoria não estava identificada. Essa fotografia, que voltamos aqui a publicar, é de Wolfgang Sievers, um dos mais destacados fotógrafos australianos do século XX. Amigo de Hein Semke, a sua obra foi apresentada em Lisboa no Arquivo Fotográfico Municipal, numa exposição comissariada por Jorge Calado, que incluiu esta fotografia realizada nos anos 30 quando Sievers e Semke se conheceram em Lisboa e se tornaram amigos. ■



Nova Colóquio/Letras

A edição de Setembro da revista apresenta um núcleo principal dedicado a Ruben A. e dá destaque aos 150 anos da primeira edição de “Amor de Perdição”, com a recriação da história dos seus protagonistas por Mário Cláudio, Hélia Correia e Lídia Jorge. O artista plástico convidado para este novo número da Colóquio/Letras é João Queiroz. ■

O Ano do Brasil em Portugal

Vários eventos culturais vão marcar Portugal e o Brasil a partir deste mês. Em julho, o presidente da Fundação Gulbenkian assinou um protocolo com o comissário do Ano do Brasil em Portugal, António Grassi, para a realização de espetáculos e outras iniciativas integradas no programa brasileiro. Por outro lado, a Orquestra Gulbenkian fará parte do programa português que se apresentará no Brasil, até 2013. ■





Chapitô no Festival Internacional de Circo

A Fundação Calouste Gulbenkian apoiou a participação do Chapitô – Colectividade Cultural e Recreativa de Santa Catarina no 1.º Festival Internacional de Circo, organizado pela Federação Ibero-Americana de Circo (FIC), de 21 de junho a 1 de julho, no Rio de Janeiro.

Do programa do Festival fizeram parte o espetáculo CRECE – Rio, uma produção com alunos recém-formados pelas várias escolas que constituem a FIC, bem como espaços de apresentação dos trabalhos das escolas que compõem a Federação e conferências sobre várias temáticas ligadas às técnicas circenses, aos modelos pedagógicos das várias escolas e ao posicionamento do Circo no contexto das artes performativas. ■

Orquestra Todos em disco

O primeiro disco da Orquestra Todos, Intendente, já está à venda e tem doze temas originais, gravados em estúdio pelos músicos de diferentes nacionalidades que compõem a orquestra; a produção artística e direção musical é dos maestros italianos Mario Tronco e Pino Pecorelli. A Orquestra, uma iniciativa da Academia de Produtores Culturais (com o apoio da Fundação Gulbenkian e da Câmara de Lisboa), deu um concerto de verão no Anfiteatro ao Ar Livre (na foto) a que assistiram centenas de pessoas e prepara-se para tocar com a sua congénere italiana, a Orchestra di Piazza Vittorio, no encerramento do Festival Todos – Caminhada de Culturas, no fim de setembro no Largo do Intendente. ■

Variações da fé no Bairro Alto

Em parceria com o Programa Gulbenkian Próximo Futuro, e com curadoria de António Pinto Ribeiro, o Carpe Diem – Arte e Pesquisa (no Bairro Alto, em Lisboa) inaugura no dia 20 de outubro a exposição de Héléne Veiga Gomes “Variações da fé”, uma instalação sobre os espaços simbólicos de uma mesquita contemporânea. Ao pesquisar sobre a dimensão ritual do culto muçulmano, Héléne Veiga Gomes (Paris, 1986) trabalhou a partir das condições de transposição da sala de orações para a sala de exposição, criando assim uma experiência acerca da reformulação dos elementos necessários à oração. ■





Ajuda na luta contra o cancro

Mais de 20 mil mulheres da Jordânia vão poder fazer o rastreio do cancro da mama, graças à existência de uma nova unidade móvel de mamografia comprada com o apoio da Fundação Gulbenkian e da ParTex.

O apoio concedido à King Hussein Cancer Foundation permite que a nova unidade móvel possa atender gratuitamente mulheres em zonas onde os hospitais não conseguem dar resposta às necessidades existentes. A região de Al Mafraq, onde será desenvolvido o programa Jordan Breast Cancer, fica 80 quilómetros a norte da capital jordana e tem perto de 60 mil habitantes.

A cerimónia de apresentação da unidade contou com a presença da princesa Dina Mired e do ministro da Saúde da Jordânia. ■

Orquestra Geração estreia no cinema

O filme que retrata o impacto do projeto Orquestra Geração na vida de um grupo de jovens de uma escola da Amadora vai estrear no circuito comercial, em Lisboa, em outubro.

Partindo de aulas de expressão dramática em que participam cinco jovens envolvidos no projeto da Orquestra, neste filme descobrimos os seus sonhos, a sua relação com a música e o seu sentimento de verdadeira pertença a um grupo. O filme *Orquestra Geração* foi realizado por Filipa Reis e João Miller Guerra e exibido publicamente, pela primeira vez, na secção competitiva do festival Doclisboa, em outubro de 2011. Este ano já foi mostrado em Paris, num dos mais importantes certames dedicados ao cinema documental – o Cinéma du Réel.

O filme *Orquestra Geração* conta com o apoio da Fundação Gulbenkian, uma das entidades responsáveis pelo lançamento em Portugal, em 2007, da iniciativa homónima inspirada no projeto internacional Orquestra Sinfónica Simón Bolívar, antes conhecido como El Sistema Nacional de las Orquestas Juveniles e Infantiles de Venezuela. ■

Jovens portugueses nas Olimpíadas de Astronomia e Astrofísica

A equipa portuguesa que competiu na 6ª Olimpíada Internacional de Astronomia e Astrofísica, decorrida em agosto no Rio de Janeiro, regressou a casa com uma menção honrosa. Matheus Marreiros, da Escola Secundária Eça de Queirós (Lisboa), foi o português que se destacou nesta competição de alto nível destinada a estudantes do ensino secundário, em que participaram 160 jovens de 32 países. A participação da equipa portuguesa nas Olimpíadas, através da Sociedade Portuguesa de Astronomia, teve o apoio da Fundação Gulbenkian. ■



A equipa portuguesa (Cristina Fernandes, Mariana Paiva e Matheus Marreiros) na cerimónia de abertura.

*Mauro Cerqueira | 29 anos | Artes Plásticas**

O domínio financeiro e cultural da Alemanha

A ARTE IMPÔS-SE DESDE CEDO NA SUA VIDA?

A arte não se impõe. São outras as coisas que se impõem. O meu contacto com a arte nunca foi muito grande. Crescer em Guimarães e em Portugal foi crescer distante dos museus. A arte neste país ainda luta pelo seu lugar. Ainda é muito pouco aquilo que se construiu e esse pouco encontra-se ameaçado por toda uma corrupção e tecnocracia que percorre o país como um mal.

POR ISSO DECIDIU CANDIDATAR-SE A UMA RESIDÊNCIA NO ESTRANGEIRO...

Sair é uma mudança de paisagem e a nova paisagem ajuda-me também a compreender melhor o meu lugar de origem e a minha identidade. Tudo aquilo de novo que vou

encontrando influencia o meu trabalho. Com esta residência tenho todas as condições para explorar um novo contexto e conhecer uma sociedade diferente.

A RESIDÊNCIA ESTÁ A DECORRER DE ACORDO COM AS EXPECTATIVAS?

Há sempre expectativas, mas essas construções são sempre destruídas pela força da realidade. Tem sido muito positivo principalmente pela oportunidade de conhecer e partilhar o mesmo edifício com artistas de diferentes nacionalidades. A verdade é que apenas países com poder económico estão a proporcionar aos seus artistas esta mesma oportunidade que eu estou a ter. Curiosamente já quase todo o Sul da Europa abandonou o edifício.



“A arte em Portugal ainda luta pelo seu lugar”

PROJETOS ATUAIS E FUTUROS...

Neste momento estou a trabalhar para a exposição que se vai realizar aqui no programa da residência e que acontecerá a 27 de setembro. Estou também a preparar o livro sobre o meu trabalho que será apresentado na altura da exposição. Em breve participarei, na Baviera, numa exposição coletiva organizada pelo artista Stephan Dilleuth e pela Deborah Schamoni. Futuramente, irei apresentar exposições nas galerias Nuno Centeno, Tatjana Pieters, Graça Brandão e a minha primeira individual na Heinrich Ehrhardt. Entretanto, continuo no Porto, juntamente com o André Sousa, o projeto Uma Certa Falta de Coerência.

COMO É VIVER EM BERLIM?

É uma cidade muito interessante. Tem uma oferta cultural enorme. Por um conjunto de motivos, a cidade atraiu e continua a atrair imensas pessoas da área da cultura. Desta forma, o contacto com artistas é muito presente e tal facto tem o seu lado positivo e negativo. A maioria das pessoas que frequentam as residências artísticas, como a Bethanien, acaba por ficar. A Alemanha, para além do domínio financeiro que tem dentro da Europa, está também a ficar com o domínio na área da cultura. ■

** Bolseiro da Fundação Gulbenkian na residência
Bethanien, Berlim.*



Ver, tarefa infinita

Por Paulo Pires do Vale | Curador da exposição
Tarefas Infinitas – Quando a arte e o livro se ilimitam

Em vez de uma hermenêutica, precisamos de uma erótica da arte.

Susan Sontag, *Against interpretation*

1. Escrevo, a propósito da exposição Tarefas infinitas, para dizer que não escreverei sobre a exposição. Não é falta de vontade, é antes um exercício de autodomínio. Ao longo do processo de realização da exposição, escrevi muito: uma proposta, uma apresentação sumária, uma sinopse para o site, textos de parede para a galeria, longos ensaios para o catálogo, textos de apresentação à imprensa... Para além de muitas apresentações orais e visitas guiadas. E é um prazer e privilégio poder fazê-lo. Mas tantos discursos, tantas palavras! Contra mim, escrevo agora para recusar mais explicações, discursos emoldurantes, conceitos claros, articulados e seguros. Digo o que gostaria que agora acontecesse: que a vissem. E peço muito, porque ver é muito difícil.
2. Uma exposição é dirigida à experiência do homem inteiro, não apenas da mente. O pensamento curatorial materializa-se no espaço, é *cosa mentale* incarnada. As obras – os livros, as instalações, os filmes, as pinturas, as esculturas – estão agora *expostas*: abertas, disponíveis, em dádiva. Aí... Por isso, a resposta adequada é *expormo-nos* a elas. Sem armadura, sem proteção, sem as certezas da razão, e por isso correndo o risco de sermos contagiados e feridos pela beleza, pelo terrível, pelo humor, pelas ideias, pela dúvida, pela surpresa... Um perigo. Querer perceber tudo – normalmente, à partida – é sintoma de um empobrecimento da experiência. Como o é o seu contrário, não procurar perceber.
3. Uma exposição pede-nos a disponibilidade da hospitalidade: não apenas para o familiar, mas para o estranho. E pode acontecer que esse estranho – como hóspede estrangeiro – nos abra a vida a um horizonte mais vasto e inesperado.
4. Uma exposição que não sobrevive à “morte” do curador é uma má exposição. Se ela não subsiste sem o discurso explicativo, é apenas a ilustração de uma ideia ou de conceitos. Pobre logificação. Menoriza as obras que (ab)usa. Mas, no lado oposto da dialética, há obras que exigem uma iniciação, uma introdução que nos ajude a ver. No entanto, as palavras, nesse caso, não podem substituir a obra e a sua experiência: são uma legenda pedagógica, mas não “explicam” nada, procuram “implicar” mais.
5. Ver. Olhar demoradamente, até que algo se revele – ou não. Mais do que ler palavras que nos deixem seguros e deem certezas, explicações e argumentos que nos digam o que estamos a ver (ou devíamos ver). Ver, sem esperar ter já as respostas *pre-vistas*. Exercitar o olhar não é apenas exercitar o conhecimento que temos. É suspender esse conhecimento ou juízo imediato, é estar disponível. Ver: é uma forma radical de hospitalidade.
6. É preciso “aprender a ver”, escreveu Nietzsche, “habituar os olhos à calma, à paciência, ao deixar vir a si as coisas; aprender a suspender o juízo, a rodear o caso particular de todos os lados e a abarcá-lo”. Tão próximo do método proposto depois por Simone Weil: “Método para compreender as imagens, os símbolos, etc. Não tentar interpretá-los, mas olhá-los até que a luz jorre. De uma maneira geral, método de exercer a inteligência, que consiste em olhar.” Uma pedagogia da atenção.
7. Antes ou depois de todos os discursos sobre uma exposição, *ver e ver e ver* o que está diante dos olhos – e também o que *não está lá*. Nos intervalos, entre as obras. Porque “fazer adivinhar”, como escreveu Bresson, é o grande propósito de uma montagem-ensaio que ativa o espectador-visitante. ■



em setembro

Orquestra Gulbenkian

50 Anos de Música



É em ambiente de festa e de portas abertas que a Gulbenkian Música 12/13 regressa ao palco do Grande Auditório, no dia 15, para comemorar os 50 anos da Orquestra Gulbenkian, dando início a uma temporada de celebrações públicas. Neste sábado, totalmente dedicado à música, realizam-se vários concertos, todos de entrada livre, tocados pela Orquestra ou por solistas agrupados em várias formações.

Ao longo destes 50 anos, centenas de músicos fizeram parte da história da Orquestra. Alguns deles, já reformados, são convidados a juntar-se à festa, no dia **15 de setembro**, tocando uma das peças programadas – a Sinfonia n.º 5 de Beethoven –, um convite que se estende também aos mais novos, filhos de músicos da Orquestra, que sobem ao palco para interpretar a *Sinfonia dos Brinquedos* de Haydn, numa homenagem ao passado a pensar no futuro.

O programa deste dia percorre vários repertórios, refletindo a versatilidade e maturidade da Orquestra, permitindo também reviver um pouco da sua história, desde a estreia pública ocorrida a 22 de outubro de 1962, no Teatro Nacional D. Maria II, até aos dias de hoje. Não faltará a peça que

a Orquestra Gulbenkian, composta na altura por 12 elementos, tocou no dia da estreia: *Dança Sagrada e Dança Profana*, de Claude Debussy.

Será uma pequena maratona de concertos (cerca de sete horas de música consecutiva), incluindo peças como *Pedro e o Lobo* de Sergei Prokofiev, para um público mais jovem, com direção de Joana Carneiro e narração de Catarina Furtado, e *Rhapsody in Blue* de George Gershwin, com o maestro Pedro Neves e o pianista Mário Laginha.

Esta festa de abertura vai incluir a exibição de filmes, conversas com músicos no *foyer*, oficinas para famílias e uma exposição que estará aberta até meados de outubro. Esta exposição vai incidir sobre alguns dos momentos mais



Encontros com músicos.

importantes da vida do agrupamento, incluindo gravações e fotografias de arquivo de momentos marcantes como o concerto inaugural ou os concertos históricos com intérpretes como Pierre Fournier (1964) ou Mstislav Rostropovich (1969), entre muitos outros.

A exposição dará ainda a ver (e a ouvir) algumas das obras encomendadas pela Fundação a diferentes compositores e que foram tocadas em estreia mundial pela Orquestra, assim como as digressões internacionais e as edições discográficas realizadas ao longo deste período.



Pedro e o Lobo, com Catarina Furtado e Joana Carneiro.

No Auditório 3, filmes como *Ensaio de Orquestra* de Federico Fellini, *Uma noite na Ópera* de Sam Wood ou *O Concerto* de Radu Mihaileanu, entre outros, estarão em exibição contínua durante toda a tarde.

As famílias com crianças dos 6 aos 12 anos são convidadas a constituir uma orquestra, passando pelas várias etapas de um miniensaio, numa oficina dirigida por Carlos Pereira. Todas as atividades são de entrada livre. ■

Programa detalhado em www.musica.gulbenkian.pt

Jovens músicos do presente

Em setembro, as portas vão manter-se abertas para duas iniciativas dedicadas a jovens músicos. No dia 21, às 21h no Grande Auditório, será apresentado um concerto com obras inéditas produzidas no âmbito da **Rede Europeia de Ópera (ENOA)** que a Fundação integra, e que apoia artistas em início de carreira.

As obras resultam de uma série de *workshops* para jovens compositores dedicados à escrita para voz e orquestra, realizados ao longo do ano, dirigidos por Luca Francesconi. Serão tocadas obras de Sílvia Mendonça, Ana Seara, João Filipe Ferreira e Edward Ayres d'Abreu, Daan Janssens, Kim Ashton e Andrzej Kwiiecinski e ainda uma peça de Francesconi. Participam os cantores Raquel Camarinha, Carolina Figueiredo e Manuel Rebelo.

O **Festival Jovens Músicos**, organizado em colaboração com a Antena2/RTP, vai também animar os espaços da Fundação com novos talentos da música nacional ao longo de três dias – 27 a 29 de setembro. Este festival enquadra,

desde o ano passado, o mais antigo concurso musical do país, o Prémio Jovens Músicos, este ano na sua 26.ª edição. Para além da Orquestra Gulbenkian dirigida pela maestrina Joana Carneiro, participam a Orquestra de Câmara Portuguesa sob a direção de Pedro Carneiro, a Divino Sospiro sob a batuta de Massimo Mazzeo, e a Orquestra de Jazz de Matosinhos dirigida por Pedro Guedes – todas elas a acompanhar os jovens galardoados.

Novidade este ano será o espaço dedicado à música barroca e ainda o Prémio de Composição SPA/Antena 2, que será atribuído a peças para orquestra barroca inspiradas numa ária da oratória *Morte de Abel*, de Avondano. Haverá três painéis de discussão, com Rui Vieira Nery e Luís Tinoco como moderadores, em temáticas tão diferentes como os novos intérpretes de música antiga e o papel do património e arquivos musicais. ■

O programa completo pode ser consultado em www.musica.gulbenkian.pt

Primeira exposição de **Gerard Byrne** em Portugal

O CAM apresenta uma exposição de Gerard Byrne poucos dias depois do encerramento da Documenta de Kassel, umas das principais exposições mundiais de arte contemporânea, onde o artista irlandês ocupou um lugar de destaque.

Byrne apresenta-se pela primeira vez em Portugal, a partir de 21 de setembro, com *Imagens ou Sombras*, uma exposição composta por três grandes instalações e um vídeo que, na linha habitual do seu trabalho, exploram os códigos da linguagem televisiva, que são desmontados e incorporados nas suas obras.

Nascido em 1969, Gerard Byrne foi o primeiro artista a problematizar a linguagem televisiva através dos seus filmes e vídeos, explorando as fronteiras entre performance, televisão, teatro e cinema. Uma das peças apresentadas, *1984 and Beyond*, remete para uma época próxima da inauguração do CAM (1983) e tem como objeto um edifício de raiz modernista, tal como o próprio edifício do CAM. Como a maioria das suas obras, é filmada como uma peça televisiva e é exibida em vários monitores espalhados pela sala. Esta obra baseia-se nas séries dos anos 70, com as suas técnicas específicas (o tipo de plano, o modo como os atores falam), sendo no texto que a arte de Byrne se introduz. O diálogo inspira-se num artigo da revista que transcreve o diálogo entre 12 autores de ficção científica sobre o futuro. Outra das instalações que pode ser vista é *Case Study Loch Ness (Some Possibilities and Problems)*, uma obra de 2001 que explora o imaginário popular que se criou em torno do mito do monstro de Loch Ness, e que inclui um filme de 16 mm, escultura, fotografia e desenho.

Homme à Femmes (Michel Debrane), criado em 2004, reen cena dramaticamente uma entrevista de 1977 a Jean-Paul Sartre conduzida pela jornalista Catherine Chaîne, publicada no *Le Nouvel Observateur*, na qual o escritor fala da sua relação com as mulheres ao longo da vida.



A thing is a hole in a thing it is not, 2010, The Renaissance Society, University of Chicago



Homme à Femmes, 2004

A thing is a hole in a thing it is not, de 2010, é uma instalação composta por cinco vídeos cujo título é retirado de uma citação do artista minimalista norte-americano Carl André. Cada filme refere-se a um momento específico no contexto do minimalismo, formando uma narrativa sobre os primórdios da arte minimal no início da década de 60 e sua receção. Vinda do Irish Museum em Dublin, a curadoria principal é de Enrique Juncosa e, no CAM, Isabel Carlos é a curadora associada. ■

Imagens ou Sombras

Gerard Byrne

Curadoria: Enrique Juncosa e Isabel Carlos

21 SETEMBRO 2012 – 6 JANEIRO 2013

CAM

Carlos Nogueira

O lugar das coisas

Exposição antológica

O lugar das coisas reúne, pela primeira vez, a obra de Carlos Nogueira (Moçambique, 1947) numa exposição antológica que apresenta uma seleção abrangente da sua produção artística desde o início da sua atividade (1968) até aos dias de hoje.

A exposição tem curadoria de Catarina Rosendo e assenta numa inédita visão de conjunto de um percurso que se tem caracterizado pela apresentação pública das obras uma única vez, pelo que esta é uma ocasião para a descoberta de um corpo de trabalho que, apesar da sua regularidade expositiva, se tem mantido relativamente discreto no contexto artístico. A exposição organiza-se em vários núcleos que pretendem, cada um deles, exprimir vertentes do trabalho de Carlos Nogueira desde a performance, as ações e os envios de correio característicos dos primeiros anos da sua carreira até às esculturas e instalações mais típicas dos últimos vinte anos, passando pelo desenho e pela prática projetual que tem sido, ao longo dos anos, uma constante no seu trabalho. Ao mesmo tempo, apresenta-se pela primeira vez um conjunto de diapositivos e fotografias realizadas ao longo de vários anos e que, tal como parte dos seus desenhos, são entendidos pelo artista como materiais de trabalho e parte integrante de processos de investigação sempre em curso. A obra de Carlos Nogueira assenta numa variedade de linguagens e procedimentos (os já referidos desenho, fotografia, performance e escultura, e a palavra, a pequena escala, os grandes volumes, os objetos da cultura popular e os materiais industriais). Se nos primeiros anos (ligados à performance) lhe interessava explorar questões associadas à transitoriedade, ao encontro direto com o espectador e à desmontagem do estatuto autoral da obra de arte, nos últimos anos (através da escultura), a sua obra tem procurado a permanência, a construção de sentido por parte do público e a criação de relações com os lugares onde se instala.

O seu trabalho resolve-se sempre em torno do confronto de polaridades deste tipo e implica uma atenção às oscilações de significado e dos modos de perceção de um mesmo universo de preocupações conceptuais, que se podem definir como uma investigação das formas de relação com o outro, com o quotidiano e a paisagem, e que recorrem, para isso, a estratégias de interpelação do espectador e a um questionamento dos modos de habitar os espaços herdeiro de noções caras à arquitetura e à construção. ■



Livro de viagens, 1985 (verso)

O lugar das coisas

Carlos Nogueira

Curadoria: Catarina Rosendo

21 SETEMBRO 2012 – 6 JANEIRO 2013

CAM

Continua...

Tarefas Infinitas Quando a arte e o livro se ilimitam

Curadoria: Paulo Pires do Vale

Livros medievais ao lado de obras de arte contemporâneas, numa exposição que mostra também pinturas, esculturas, filmes e instalações, num percurso único que mostra o quanto de infinito há nos livros. Ou como escreve Gonçalo M. Tavares no catálogo da exposição, “[...] os livros são para ler e para ver. Quando lêes não vês, quando vês não lêes. Ou existirá afinal o ler-ver?”

ATÉ 21 DE OUTUBRO

Museu Gulbenkian e Biblioteca de Arte

Grandes Lições da América do Sul

Avelina Crespo, Cuzco. Cortesia da artista

Ticio Escobar, um dos mais respeitados intelectuais da América do Sul, é um dos convidados do Próximo Futuro para o ciclo das **Grandes Lições**, que regressa no dia **8 de setembro** à Fundação Gulbenkian e cujo objetivo é trazer a Portugal personalidades incontornáveis do pensamento mundial, numa linha de programação que privilegia pensadores da América do Sul, África e Europa. Neste dia, as intervenções serão moderadas por António Pinto Ribeiro, programador-geral do Próximo Futuro.

“Cultura e arte popular: para além da memória” é o título da conferência de Ticio Escobar, que foi até há poucos meses ministro da Cultura do Paraguai e que irá falar sobre o futuro da arte popular indígena num contexto de globalização e a capacidade de sobrevivência das culturas tradicionais na contemporaneidade.

Curador, professor e crítico de arte, Ticio Escobar é uma figura-chave na gestão de políticas culturais. Nos anos 90 esteve na Direção de Cultura de Assunção, capital do Paraguai e a cidade que o viu nascer em 1947. Licenciado em Direito e Filosofia, com um extenso e sólido trabalho na área do pensamento crítico, tem mais de uma dezena de obras publicadas sobre arte indígena, popular e contemporânea. A Lei Nacional de Cultura do Paraguai, uma proposta que esteve anos na gaveta até ser aprovada no Parlamento em finais de 2006 e que estabeleceu a criação de uma Secretaria de Estado da Cultura no Paraguai, ao nível ministerial, também foi por ele redigida. Em 2008, o ex-presidente Fernando Lugo nomeou-o ministro da Cultura, mas Ticio Escobar foi obrigado a interromper o seu mandato, na sequência da grave crise institucional no Paraguai

que levou em junho deste ano à destituição de Fernando Lugo.

... E O PENSAMENTO TUNISINO

O ensaísta e poeta franco-tunisino **Abdelwahab Meddeb** (n. 1946), crítico feroz do fundamentalismo islâmico, já é considerado um dos mais importantes pensadores da Primavera Árabe. Também ele vai estar presente nas Grandes Lições de dia 8, em que abordará os acontecimentos políticos recentes que marcaram o Norte de África e que liberdade se perspectiva para o futuro, tendo em conta o conflito entre secularismo e islamismo.

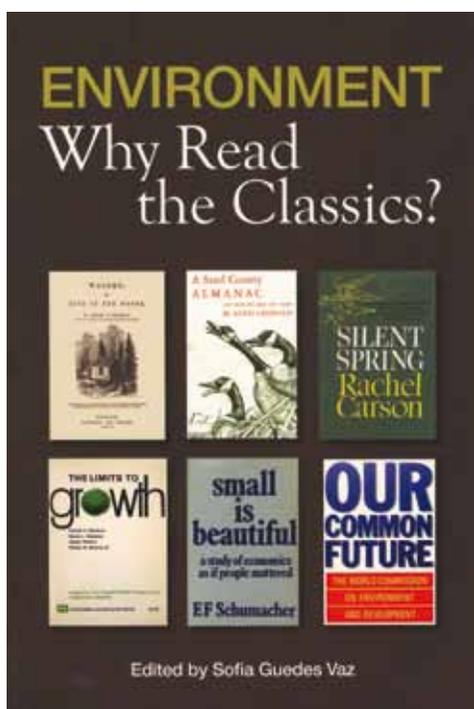
Natural de Tunes, Abdelwahab Meddeb vive em França desde o final dos anos 60. É uma presença regular nos *media* enquanto comentador político e mantém, entre outros programas radiofónicos, a emissão semanal Culturas do Islão no canal de cultura da Radio France. Tem mais de 30 livros editados, entre os quais se destaca *A Doença do Islão* (2002, Prémio François Mauriac), obra de referência sobre a radicalização ideológica e teológica muçulmana, publicada na sequência dos atentados do 11 de setembro. Foi um dos primeiros autores a escrever sobre a revolução árabe: *Primavera de Tunes – a metamorfose da história* (2011) é também a sua obra mais recente. ■

Próximo Futuro – Grandes Lições

8 DE SETEMBRO, 15H

Auditório 3

Entrada livre – tradução simultânea



Porquê ler os Clássicos?

Este livro apresenta seis ensaios escritos por reconhecidas personalidades do pensamento sobre o Ambiente, a partir de seis obras emblemáticas para a consolidação do que designamos como movimento ambiental. Além de representarem um amplo espectro de ideias e de conceitos que perduram, estes livros, escritos no último século e meio, contribuíram para a construção do imaginário e das narrativas pessoais, sociais e políticas sobre o ambiente, mantendo ainda hoje o seu carácter inovador, alternativo e revolucionário. As obras analisadas são: *Walden ou a vida nos bosques*, de Henry David Thoreau; *Sand County Almanac*, de Aldo Leopold; *Small is Beautiful: Economics as if People Mattered*, de E.F. Schumacher; *Silent Spring*, de Rachel Carson; *The Limits of Growth*, de Donella and Dennis Meadows, Jorgen Randers e William W Behrens III; *Our Common Future* (Brundtland Report) ONU, 1987. Todas elas fizeram parte do ciclo de conferências Ambiente. Porquê ler os clássicos, uma iniciativa da Fundação Gulbenkian e da Embaixada dos Estados Unidos da América, que decorreu no ano passado na Fundação Gulbenkian.

Em inglês, numa edição coordenada por Sofia Guedes Vaz, *Environment – Why read the classics?* apresenta ensaios de Marina Silva, Satish Kumar, Tim O’Riordan, J. Baird Callicott, José Lima Santos e Viriato Soromenho-Marques. No prefácio, Andrew Dobson refere que os seis textos clássicos assim reunidos “oferecem uma nova perspetiva do nosso lugar no espaço e no tempo”. Defende o professor da britânica Keele University que são textos “revolucionários” e que precisamos “de uma revolução do pensamento e das práticas para podermos chegar ao próximo século em paz com o mundo natural”. O conhecimento crítico do passado que estes livros encerram é indispensável para avaliar, com lucidez, as opções difíceis que o futuro nos reserva. ■

Outras edições **O regime jurídico das Águas Internacionais** **O caso das regiões hidrográficas luso-espanholas**

Amparo Sereno

Padre Manuel Antunes – Obra Completa

Tomo I – Theoria: Cultura e Civilização
(Volume II - Anexos/Sebentas)

Reedições **Óptica** (3ª edição)

Eugene Hecht

Museu Calouste Gulbenkian

Par de bibliotecas

O armário de ebanisteria é o móvel de excelência dos anos de 1700-1730, tomando as mais diversas formas e adaptando-se à multiplicidade das exigências de uma sociedade cada vez mais sofisticada. Assim, o armário, móvel que se destinava a guardar diferentes objetos – porcelanas, conchas, medalhas, moedas, livros, marfins –, vai transformar-se e originar novas tipologias como bibliotecas, medalheiros e cantoneiras, entre outros.

Estas imponentes bibliotecas, de fachada tripartida, têm três portas realçadas por quatro pilastras de bronze cinzelado e dourado, encimadas por bustos. Num dos móveis, estes representam as quatro estações do ano e no outro as quatro partes do mundo, simbolizadas pelos respetivos toucados das figuras. Deste modo, podemos observar um velho com longas barbas para o inverno e três figuras femininas, uma para o outono, com folhas de parra e cachos de uva, outra para o verão, com espigas de trigo e, por último, a primavera com uma grinalda de flores. Nas quatro partes do mundo os atributos são, para a Europa o cavalo, para a Ásia o elefante, para a América as plumas e para África o unicórnio. As amplas aberturas das portas têm molduras de bronze, com motivos simples e simétricos, de enrolamentos e concheados nos cantos e remate superior. As duas bibliotecas são marchetadas a pau-cetim e amaranto, com motivos geométricos de espinhados e quadriculados.

Muitas vezes a temática dos elementos decorativos deste tipo de armário estava relacionada com o seu conteúdo. No caso presente, a natureza com toda a sua diversidade e a geografia com o exotismo dos lugares longínquos seriam possivelmente os temas das obras encerradas nestas bibliotecas, temas muito em voga no século XVIII.

Charles Cressent foi o ebanista mais célebre da sua época. Filho de um escultor e neto de um marceneiro, Cressent vem para Paris e aí completa a sua formação de escultor, na Academia de São Lucas, onde ingressa em 1714. Mais tarde, ao casar com a filha de Joseph Poitou, ebanista do Regente, Cressent passa a dedicar-se definitivamente à ebanisteria.

A sua obra conjuga de maneira brilhante estas duas artes – a de escultor, nos bronzes cinzelados e dourados de enorme sentido artístico, e a de ebanista, nos marchetados e folheados de madeiras exóticas, de padrões geométricos, concebidos de forma a realçar os bronzes.

Embora tenha trabalhado até à segunda metade do século XVIII, em pleno reinado de Luís XV, Cressent foi o ebanista Regência por excelência, mantendo-se sempre fiel ao “estilo” por ele criado nos anos de 1720-1730. ■ Clara Serra

Par de bibliotecas

Paris, c.1725

Charles Cressent

Carvalho, pau-cetim, amaranto

Bronzes cinzelados e dourados,

164 x 272 x 53 cm

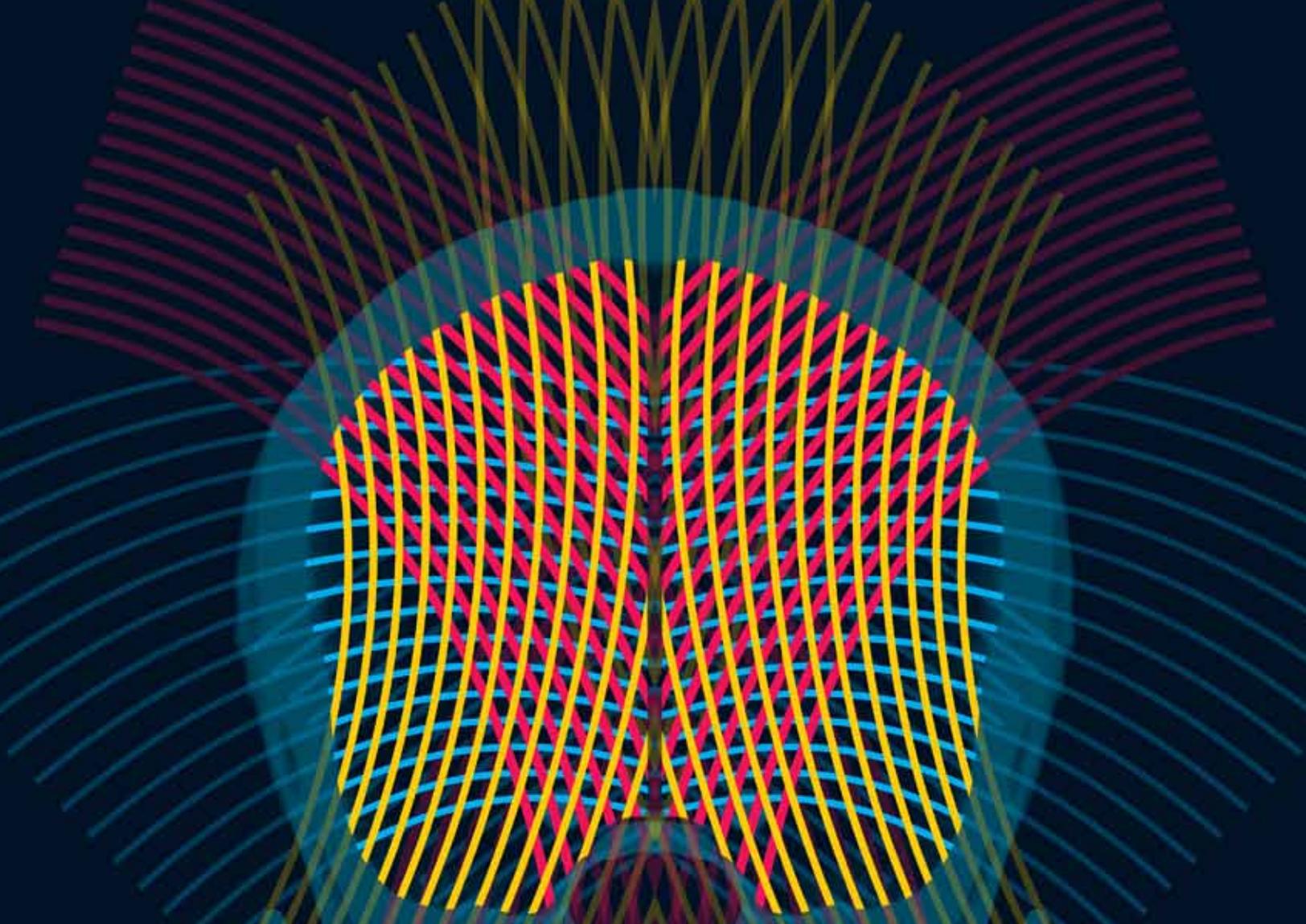
Prov. Venda Cressent 1749; Coleção Dourado; Coleção

Kathchoubey; Museu do Ermitage, Leninegrado.

Adquiridas na Galeria Le Passé de Mme Koenigsberg, em Paris, 1933

N.º Inv. 2221 A/B





Brain.org

Fórum Gulbenkian de Saúde 2012

9-10 OUTUBRO FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN AUDITÓRIO 2

TERÇA 9 outubro
9h30 - 17h30

The Neuroscience
of Consciousness
SUSAN GREENFIELD
University of Oxford, UK

Why we Sleep?
MATT WALKER
University of California, Berkeley, USA

What Makes us Moral?
PATRICIA CHURCHLAND
University of California, San Diego, USA

When the Brain Plays Music
ROBERT ZATORRE
McGill University, Canada

QUARTA 10 outubro
9h30 - 17h30

Neuroaesthetics:
Brain, Beauty and Art
MARCOS NADAL ROBERTS
University of the Basque Country, Spain

Can we Copy in the Computer
the Human Brain?
IDAN SEGEV
Hebrew University of Jerusalem, Israel

Your Brain has a Gender?
MELISSA HINES
University of Cambridge, UK

Because the Brain is Different
- The New Ethical Challenges
JOÃO LOBO ANTUNES
Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa, Portugal



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

colaboração científica



ENTRADA LIVRE
forum.saude@gulbenkian.pt
www.gulbenkian.pt
tel.: 21 782 35 60